

Resumo

O turismo é um segmento do sector económico que se encontra em constante desenvolvimento devido à diversificada oferta que tem e também devido às exigências que cada tipo de turista apresenta, as quais devem ser satisfeitas da melhor maneira possível. Com o passar dos anos, a procura turística tem vindo a aumentar e o sector turístico correspondeu com uma oferta à altura da procura, sendo esta diversificada e acessível à maioria dos turistas.

A acessibilidade no turismo é outro dos fatores que faz com que este segmento esteja sempre em constante alteração. O turismo ativo é um grande exemplo da falta de acessibilidades, mas é também um exemplo de mudança, porque é dos segmentos do turismo que pretende integrar iniciativas acessíveis no seu programa de atividades e o sucesso tem sido notório. Portugal não quer ser exceção ao resto do mundo, que se têm adaptado cada vez mais e melhor às dificuldades de muitos cidadãos que também merecem ter parte ativa no turismo, e, por isso, as acessibilidades começam a transparecer em toda a oferta do país.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês é uma das áreas em Portugal onde se pratica os mais variados tipos de turismo, mas onde a acessibilidade ainda não está presente ao nível do que seria esperado, muito devido ao terreno do parque, e também devido à dificuldade em manter os instrumentos necessários para a acessibilidade ser possível. O turismo ativo é uma parte importante na divulgação do parque e realizar atividades acessíveis só vai fazer que com este ganhe ainda mais prestígio. Uma vez que esta área classificada recebe cada vez mais turistas, importa, também, diversificar a oferta de modo a que o número de turistas que visita o parque continue a aumentar.

Palavras-chaves:

Turismo Ativo, Turismo Acessível, Desenvolvimento Turístico, Parque Nacional da Peneda-Gerês;

Abstract

Tourism is an economic sector segment, which is constantly evolving due to the diversified offer it has and because of the demands that each type of tourist requires, which tourism sectors have to fulfill in the best way possible. Over the years, the tourist demand is increasing and the tourism sector has to provide a supply match demand, which is diverse and accessible to most tourists. The accessibility in tourism is one of the factors that make this segment a developing one and it makes this development continuous, mainly because it's an obstacle to the infrastructures already built. Active tourism is a major example of the lack of accessibility but it's also an example of the development made to change this reality. Active tourism has been one of the tourism sectors that added accessible activities into their own program of activities and success has been notorious. Portugal does not want to be the exception to the rest of the world, which has been adapting more and better to the difficulties of many citizens who also deserve to have an active part in tourism, and, therefore, accessibilities begin to transpire throughout the supply of the country.

The Peneda - Gerês National Park is one of the areas in Portugal where all kinds of tourism are practiced, but where accessibility is not much present yet, due to the terrain of the park, and also because of the difficulty in maintaining the necessary instruments to make accessibility possible. The Active Tourism is an important part in spreading the park and make accessible activities will only do that and with this win even more prestige. Once this classified area receives more and more tourists, it is also important to diversify the supply so that the number of tourists who visit the park will continue to increase.

Keywords:

Active Tourism; Accessible Tourism; Tourism Development; National Park Peneda-Gerês.

Agradecimentos

Gostava de agradecer a todas as pessoas que contribuíram para realização e conclusão desta dissertação e que estiverem sempre ao meu lado, nas boas alturas e nas más também.

Quero agradecer em primeiro lugar aos meus pais, ao meu pai por toda a ajuda financeira que fez com que eu pudesse chegar tão longe.

À minha mãe por ser o meu maior apoio e por sempre apoiar todas as decisões que tomei durante o meu percurso, e por todas as chamadas diárias que durante 4 anos sempre me fizeram sentir um bocadinho menos as saudades.

Aos meus irmãos, por serem os melhores irmãos do mundo, por sempre me incentivarem a perseguir os meus sonhos e por estarem sempre presentes na minha vida nos bons e maus momentos, sem eles nada disto seria possível.

Às minhas sobrinhas, Bruna e Tamara por serem a luz dos meus dias e ao meu cunhado por estar sempre presente e por sempre me apoiar.

Agradecer às minhas sobrinhas porque mesmo com pouco tempo de vida já mostraram que são umas guerreiras e agradecer à minha cunhada por estar do meu lado, nas vitórias e nas derrotas, na vida e nas do Benfica também.

Quero agradecer à Ariana por ser a menina mais adulta que eu conheço e por me dar carinho sempre que eu preciso (e mesmo quando não preciso).

À Tia Maria, por tudo o que fez por mim nos últimos cinco anos, sem a ajuda dela, eu nunca podia ter uma licenciatura e esta dissertação nunca existiria.

Ao Padre Armando que desde sempre me incentivou e ajudou nos momentos mais difíceis.

Obrigada à minha família em geral, porque mesmo com problemas, são a melhor família do mundo.

Aos meus amigos e companheiros de casa, obrigada por terem feito destes últimos 5 anos os melhores da vida, espero ter-vos nela para sempre.

Quero agradecer ao Dr. Paulo Carvalho, por desde o início apoiar a minha ideia, pela disponibilidade que demonstrou desde o início para me orientar para que esta dissertação fosse possível e por me ajudar a levar esta dissertação ao melhor resultado possível.

Quero agradecer a todas as empresas, instituições e organismos que me disponibilizaram informações para a realização da dissertação e obrigado também as que não disponibilizaram nada, fez-me perceber que temos de saber depender de nós e do nosso esforço.

Por último, quero agradecer a Coimbra por me proporcionar a melhor experiência de vida e por ter feito passar na minha vida, nestes últimos 5 anos, as melhores pessoas que me fizeram criar algumas das memórias mais felizes que tenho.

Abreviaturas

ANETURA – Associação Nacional de Empresas de Turismo Ativo

CERCI – Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Incapacitados

ENAT – European Network for Accessible Tourism

ICNF – Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas

INE – Instituto Nacional de Estatística

IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social

OMS – Organização Mundial de Saúde

OMT – Organização Mundial de Turismo

PNPG – Parque Nacional Peneda Gerês

RNAAT – Registo Nacional de Agentes de Animação Turística

RNT – Registo Nacional de Turismo

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

1. Introdução

A acessibilidade no turismo é um fator cada vez mais decisivo, pois leva muitos turistas a decidir qual será o destino e quais serão os entraves que irão encontrar nas atividades que pretendem realizar em determinado lugar. Isto não está apenas ligado ao turismo ativo, está ligado a todos os tipos de turismo, desde o cultural ao turismo de sol e mar. Todos os tipos de turismo têm vindo a fazer um esforço para se adaptarem e terem as suas infraestruturas e os devidos equipamentos para corresponder a qualquer dificuldade de acesso que possa eventualmente surgir.

O turismo ativo não é exceção e, desde que começou a ser desenvolvido, sempre se pensou incluir todas as pessoas na sua prática, independentemente de terem algum tipo de incapacidade motora ou intelectual, ou seja, o facto de terem esta incapacidade na sua vida não os torna incapazes de praticar as atividades oferecidas pelo turismo ativo.

Em Portugal, temos assistido a esforços por parte das entidades nacionais do turismo, para que o turismo acessível seja incorporado nas atividades que o turismo oferece. A ideia para esta dissertação surgiu após o lançamento de um documento por parte do Turismo de Portugal, *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Turismo Activo*, que foi lançado após a 20ª Assembleia Geral da Organização Mundial de Turismo, em Victoria Falls, na Zâmbia/Zimbabwe, em 24-29 de agosto de 2013, onde o turismo acessível foi um dos principais pontos discutidos. Este guia visa promover o turismo acessível em Portugal, não só ligado à parte mais cultural que é onde se tem visto um desenvolvimento maior, mas também no que toca à natureza e às atividades que podemos realizar em contacto com a mesma e, claro, defende que estas sejam realizadas com a maior segurança, de forma a entreter quem possa ter uma incapacidade da mesma forma que se entretém quem está em total uso das suas capacidades.

1.1. Objetivos

Com esta dissertação, pretendo demonstrar que o Turismo Ativo, o Turismo de Natureza e o Turismo Acessível são segmentos turísticos em que se deve apostar e que se deve desenvolver as melhores infraestruturas para a realização das atividades, para todos. Este papel cabe também em grande parte às empresas de animação turística que têm este tipo de turismo presente nas suas atividades.

Pretendo também demonstrar que, por vezes, um destino turístico que tenha uma oferta bastante diversificada nem sempre consegue chegar a toda a gente, ou seja, por muito diversificada que a oferta seja, se não for acessível ou adaptável a um turista que possua algum tipo de incapacidade, vai estar a restringir as suas atividades.

Quero demonstrar que a natureza e as áreas classificadas são em muitos sectores turísticos bons exemplos, mas que, no caso do turismo acessível, pode falhar se não houver a melhor formação dos monitores das atividades de animação turística e se não existir empenho por parte das próprias empresas de animação turística.

Por fim, demonstrar que podem existir casos de sucesso, que querem tornar Portugal num destino turístico acessível de excelência e que, em conjunto com os organismos nacionais e internacionais, estão a mudar a maneira como o turismo acessível é encarado em todo o mundo.

1.2. Metodologia

De forma a conseguir cumprir os objetivos anteriormente referidos foi necessário recorrer a uma metodologia apoiada por diferentes técnicas:

- Realizar análise documental, recorrendo a publicações científicas, dissertações, livros, em formato de papel e digital, tendo também como recurso a internet;
- Contacto com as entidades que atuam no terreno e com as entidades responsáveis pela manutenção e conservação do Parque Nacional da Peneda-Gerês.
- Realizar análise de documentos estatísticos, recorrendo a plataformas como INE, Eurostat e documentos estatísticos que foram fornecidos pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas.

1.3. Estrutura

Na abertura do enquadramento teórico da dissertação, enfatizo o turismo, de forma a perceber onde e como começou esta actividade e até onde já chegou, referindo ao mesmo tempo a importância que o turismo ativo, de natureza e acessível tiveram no desenvolvimento do mesmo.

Após esta nota preliminar, a dissertação vai-se centrar na animação, referindo de seguida a animação turística e qual o papel que esta teve no desenvolvimento do turismo ativo e de que forma este tem vindo a ser integrado nas suas atividades.

O avanço da análise teórica inclui também turismo ativo e de natureza, pois o turismo ativo é um segmento do turismo de natureza, qual o desenvolvimento que este tem tido em Portugal e quais os impactos ambientais e económicos que este tipo de turismo tem no nosso país, passando de seguida para o turismo acessível e quais as principais empresas que apostam neste tipo de turismo em Portugal, terminando a parte teórica com a ligação entre estes dois segmentos turísticos.

No que diz respeito à parte prática, será realizada uma análise exploratória o Parque Nacional da Peneda-Gerês. Parto de uma breve caracterização geográfica, demográfica e económica, de modo a que posteriormente seja possível analisar e apresentar a oferta do turismo ativo em primeiro lugar e, em seguida, ligar esta mesma oferta ao turismo acessível.

Concluindo, a dissertação no seu todo pretende alertar a sociedade e as entidades turísticas para a realidade do turismo acessível e para a presença deste no turismo ativo, pois esta ainda é uma realidade que não chega a todos os atores turísticos e só quando isto acontecer poderemos dizer que a acessibilidade alcançou todos os sectores turísticos.

2. Turismo ativo e turismo acessível

2.1. Considerações preliminares

2.1.1. Turismo

A atividade turística posiciona-se como uma das principais atividades económicas a nível mundial e também como uma atividade estratégica na indução do desenvolvimento regional, na manutenção da coesão social, na preservação da identidade cultural de todos os países e também do ambiente, no fundo na identificação de um modelo de desenvolvimento sustentável, que ainda está longe de ser alcançado para a maior parte dos países.

Este sector aparece inicialmente através da criação do Grand Tour, que tinha como principal objetivo aumentar o nível cultural dos jovens europeus, nomeadamente os nobres e os burgueses. O grande impulso do Grand Tour deveu-se à revolução industrial, que proporcionou o desenvolvimento dos meios de transporte, nomeadamente o comboio, e também dos meios de comunicação. Com a grande adesão ao Grand Tour há também um desenvolvimento dos serviços de restauração e hoteleiros.

No entanto segundo a Organização Mundial de Turismo, o grande desenvolvimento do Turismo dá-se com o fim da 2ª Guerra Mundial, quando o mundo encontra uma paz geral e é também quando surge o turismo de massas. A partir de 1949, as atividades turísticas ganham melhor organização nacional em diversos países. Desenvolveram-se os meios de transportes, os equipamentos de hospedagem, as agências de turismo, enfim, as infraestruturas de base, permitindo que se realize atualmente um turismo muito mais organizado e muito mais direcionado para as massas, o que faz com que este sector tenha um grande impacto a nível económico.

A definição de turismo é bastante controversa, pois diversos autores têm opiniões divergentes. Desde de que foi necessário para a sociedade a criação de uma definição de turismo, esta tem vindo a levantar muitas dúvidas e questões.

Em 1929, Schwink refere que turismo é *“movimento de pessoas que abandonam temporariamente o lugar de residência permanente por qualquer motivo relacionado com o espírito, o corpo ou a profissão”* (Barretto, 1997:29). Mas com o passar do anos e com estudos sobre turismo a serem constantemente apresentados, surgem novas e diferentes definições como é o caso de uma definição um pouco mais recente que foi proposta por Mathieson e Wall, citados por Ignara (2003:13), para os quais o turismo poderia ser considerado como: *[...] movimento temporário de pessoas para locais de*

destinos externos a seus lugares de trabalho e moradia, às atividades exercidas durante a permanência desses viajantes nos locais de destino, incluindo os negócios realizados e as facilidades, os equipamentos e os serviços criados, decorrentes das necessidades dos viajantes.”

A definição de turismo, tal como essa atividade, está em constante alteração e novas variantes são acrescentadas continuamente, o que nunca, na minha perspectiva, vai permitir que seja estabelecida uma definição definitiva, porque algo irá sempre causar que seja necessária inovação e vai gerar discussões à volta do assunto que eventualmente irá levar a uma mudança na definição.

A Organização Mundial de Turismo assumiu uma definição oficial de turismo, mas no entanto as discussões para que esta seja cada vez mais completa e consensual continua. As tentativas têm sido contestadas ao longo dos anos no aspeto dos turistas não viajarem com vista a realizarem alguma atividade que possa fornecer algum tipo de remuneração. Além disso, têm sido também contestadas devido ao aparecimento das pessoas que viajavam para fora da sua área de residência por mais de 24 horas e, como consequência desta movimentação, o aparecimento do turismo de negócios que pressupõe que a viagem tenha como principal objetivo o negócio, mas que de alguma maneira esteja também ligada à cultura de cada local que é visitado. A Organização Mundial de Turismo tem vindo a fazer um esforço para integrar esta parte do turismo na sua definição de forma a chegar a um consenso sobre este segmento.

O que me leva a concluir que o turismo é uma indústria que se encontra em constante mudança e renovação e vão sempre aparecer novas maneiras de inovar e renovar aquilo que já existe de forma a fazer chegar todos os tipos de turismo a todos os sítios e a todo o tipo de público. Como referi, os tipos de turismo englobam as mais diferentes áreas, desde a cultura e os negócios até à natureza e ao sol e mar, abrangem um público muito vasto, até porque a sua oferta é ela também vasta e bastante diversificada, o que torna este mesmo público também do mais diversificado possível e que procura todos os tipos de turismo, mesmo sem saberem que o estão a fazer.

O turismo ativo e o turismo acessível não são exceção e também eles têm uma oferta bastante diversificada, e que tem vindo a aumentar pois, relativamente ao turismo ativo, as atividades que oferece ajudam qualquer pessoa a sair da sua rotina do quotidiano e ao mesmo tempo oferece um contacto com a natureza que de outra forma não seria tão fácil de aceder a ela. No que diz respeito ao turismo acessível, permite exatamente o mesmo que o turismo ativo mas a turistas que se deparem com algum tipo de incapacidade

motora ou intelectual e seja ela temporária ou permanente. Pelo que se torna bastante importante um desenvolvimento estruturado de ambos os tipos de turismo e Portugal tem realizado muitos esforços que têm vindo a ser postos em prática, a começar pela inserção do turismo de natureza, que engloba o turismo ativo, no Plano Estratégico Nacional de Turismo como um dos produtos estratégicos a desenvolver de 2013 a 2015.

2.1.2. Animação e animação turística

Antes de se falar em animação turística, fala-se em animação como estímulo que proporciona bem-estar a um grupo de pessoas, física e psicologicamente, permitindo a participação num conjunto de atividades que permitem o desenvolvimento inter-relacional. *“A animação é uma série de atividades programadas, que permitem aos indivíduos uma interação de potencialidades, onde se procura um estreitamento de relações que permitam o desenvolvimento pessoal.”* (Maillo, 1979, citado em Quintas y Castaño, 1998:32).

A animação acaba por contribuir para melhorar a qualidade de vida de quem realiza estas atividades, pois permite novas experiências a estas pessoas, é algo intergeracional pois está ao alcance de todas as gerações, é saudável pois acaba por permitir um afastamento das obrigações sociais e profissionais dos participantes, é recíproca pois acaba por existir um dar e receber de saberes. A animação possibilita o desenvolvimento dos vários intervenientes, pois, como referi anteriormente, ela é recíproca, no entanto, deve ser igualmente elaborada e programada para satisfazer os pedidos de quem a procura.

“A animação deve contribuir para suprimir as barreiras e desenvolver o prazer da descoberta e o desejo de contactos, permitindo, assim, que o indivíduo saia do seu isolamento. Ela deve portanto, encorajar o esforço pessoal, a criatividade individual e o espírito de iniciativa.” (Krippendorf, 1989:223).

Quintas e Castaño (1998) referem que a animação tem quatro finalidades:

- A **finalidade educativa**, pois quem organiza este tipo de atividades deve ter o cuidado de dar um carácter educativo, garantindo assim um conjunto de vantagens e saberes a quem participa, principalmente no que diz respeito ao meio ambiente, pois muitas das atividades são realizadas em contacto com a natureza e é necessário incutir ou educar os turistas a respeitar o meio ambiente e a combater a poluição.

- A **finalidade cultural**, pois a animação tem por finalidade dar a conhecer o destino onde é realizada. Sendo que a cultura é muitas vezes a grande impulsionadora das viagens turísticas e que esta é uma das finalidades mais importantes é necessária uma boa formação de todos os prestadores de serviços culturais em cada atividade.

- A **finalidade social**, pois esta modalidade pretende libertar os seus participantes das suas obrigações sociais, permitindo libertá-los das suas atuais obrigações e motivá-los para as suas obrigações futuras, no fundo dar uma nova inspiração aos turistas para que a rotina diária não os quebre e os faça desistir das suas obrigações sociais. A mesma finalidade social está também ligada à maneira como cada empresa de animação encara o desafio de conseguir que as suas atividades tenham o mesmo impacto em todos os turistas, ou seja, que tenham condições de oferecer as atividades a todas as pessoas que as procurem, tenham ou não alguma incapacidade.

- A **finalidade económica**, pois gera receitas, tendo participação no desenvolvimento económico do destino onde se realizam. Esta também é uma finalidade muito importante, pois é o que permite não só a realização de todas as atividades, mas também que o nosso país se torne cada vez mais num destino turístico de eleição, pois quanto mais investimento houver, tanto público como privado, mais vai contribuir para a economia nacional e mais vai fazer com que este se desenvolva a nível turístico.

A animação turística é uma atividade que oferece aos turistas uma panóplia de experiências, que lhes permite sair da rotina do dia a dia e aproveitar o mundo pelos olhos das empresas de animação turística.

“Em Portugal, as atividades de animação turística tiveram, pela primeira vez, enquadramento jurídico com o Decreto-Lei nº204/2000, de 1 de setembro. Quase uma década depois, o Decreto-Lei 108/2009, de 15 de maio, apresenta uma revisão desta legislação, que inclui também a criação do “Registo Nacional dos Agentes de Animação Turística (RNAAT) – Empresas de Animação Turística e Operadores Marítimo-Turísticos – organizado pelo Turismo de Portugal, I. P., que contém uma relação actualizada dos agentes a operar no mercado, permitindo uma melhor fiscalização por parte das entidades públicas” Cordeiro, Alves e Carvalho (2015:7).

Mais recentemente as condições de acesso por parte das empresas e a realização de atividades por parte das mesmas são alteradas através do Decreto-Lei nº95/2013, de

19 de julho, e a animação turística passa a abranger “ “ (...) as atividades lúdicas de natureza recreativa, desportiva ou cultural, que se configurem como atividades de turismo de ar livre ou de turismo cultural e que tenham interesse turístico para a região em que se desenvolvam, tais como (...) ” caminhadas e outras atividades pedestres, atividades de orientação, passeios e atividades em bicicleta, montanhismo, arvorismo, espeleologia, surf, canoagem, entre outras.” Cordeiro, Alves e Carvalho (2015:7)

A animação turística acaba por ser uma importante componente do desenvolvimento turístico do local onde realizam as suas atividades, pois, para além de desenvolver o sector económico das empresas que oferecem as suas atividades, ainda acabam por ajudar no sector económico de outras estruturas turísticas que se encontrem no mesmo local que estas empresas, como é o caso de unidades hoteleiras ou dos restaurantes, pois estes beneficiam da presença dos turistas que procuram as atividades de animação turística.

A animação turística é um produto atrativo, pois atrai as pessoas a realizarem as suas atividades e a sentirem o perigo e a adrenalina em primeira pessoa. Segundo relatos de empresas de animação turística, é um produto adequado, dado que cada uma das suas atividades é adequada ao local onde se realiza, e às pessoas que querem realizar determinadas atividades, pois as atividades são feitas segundo normas de segurança. É um produto oportuno, pois é realizado nos pontos com as melhores estruturas, com maior oportunidade de sucesso e com o melhor clima, de forma a poderem realizar as atividades no maior espaço de tempo possível. É, por fim, um produto diversificado, pois oferece as mais diversas atividades e das mais diversas maneiras, e, no fundo, um produto dinâmico e eficaz na satisfação da maioria dos clientes.

Estas características anteriormente referidas são importantes e devem estar incluídas em todas as atividades que são oferecidas aos turistas de forma a fidelizar os seus clientes e garantir que eles voltam a utilizar os seus serviços e que os promovem dentro e fora da localidade onde estão inseridos. A animação turística tem um papel fundamental no turismo em geral, pois acaba por ser um promotor de lugares, sendo que, sem algumas atividades que a animação turística oferece, alguns lugares (naturais, culturais, urbanos) ficariam no desconhecido.

Importa, agora, referir as principais atividades de animação turística

- A escalada tem como objetivo geral conseguir ascender por superfícies quase verticais, em gelo, rocha ou paredes artificiais construídas propositadamente para a prática desportiva. Não se pode considerar a escalada uma atividade de grande

dificuldade, no entanto, exige algum esforço, concentração, resistência física e psicológica, bem como uma capacidade de visualização imagética para movimentos sequenciais. Requer apenas uma pequena base de formação teórica prévia com os monitores da atividade.

- O rapel tem como principal objetivo a descida de uma parede vertical com o auxílio de uma corda. São atividades realizadas junto da natureza e que permitem a visualização de paisagens deslumbrantes.
- O rafting consiste na descida de um rio, utilizando um barco de borracha (rafting), com todo o material adequado. É necessário realizar esta atividade sempre com acompanhamento de pessoal especializado, de forma a garantir a segurança dos participantes. Permite-nos viver uma experiência única e inesquecível.
- O slide tem como objetivo deslizar num cabo de aço com o auxílio de uma roldana. O deslize varia entre as diferentes distâncias e inclinações. O equipamento é bastante seguro e garante uma travagem suave.
- A orientação consiste no uso de um mapa, bússola e instruções dadas no início da atividade para partir à descoberta de um determinado terreno.
- O paintball tem como objetivo a perseguição. É uma batalha cheia de cores e emoções fortes, jogada entre equipas devidamente equipadas e instruídas para enfrentar momentos de adrenalina ímpares. Esta atividade proporciona um confronto direto, permite delinear estratégias e esquemas táticos por forma a alcançar o sucesso.
- Os jogos tradicionais são uma atividade onde o praticante realiza jogos tradicionais e populares do nosso país, muitos deles perdidos no tempo e apenas guardados nas memórias dos mais velhos, e que são na sua maioria jogos de equipa.

Estas atividades são oferecidas por quase todas as empresas de animação turística, no entanto, nem todas as empresas de animação turística oferecem atividades ligadas apenas ao desporto ou à natureza, pelo contrário, muitas oferecem atividades culturais, ligadas ao enoturismo, à saúde e bem-estar, e a área do PNPG é um grande exemplo disso mesmo, pois oferece uma grande diversidade de atividades que agradam aqueles que preferem ter atividades mais ativas, como é o caso de todas as atividades anteriormente referidas, pois a animação pretende é entreter os turistas nos seus tempos livres e proporcionar-lhes um dia diferente fora da sua rotina, fazendo com que voltem à rotina

com outra disposição e com que voltem a usufruir dos seus serviços. No fundo, o mais importante é o bem-estar do turista e ao haver uma maior diversidade de produtos, vão estar a abranger públicos muito diversos, com idades diferenciadas, com condições físicas diferentes e que pretendem apenas viver novas experiências e ser aventureiros à sua maneira.

2.2. Turismo ativo

2.2.1. Conceito

Standeven e De Knop (1999:34) definem turismo ativo como *“todas as formas de envolvimento ativo ou passivo em atividades desportivas, participadas de maneira casual ou organizada, por razões comerciais ou não, em que seja necessário realizar uma viagem para fora do ambiente natural”*

O turismo ativo é uma junção do desporto, da aventura e da natureza, este último aspeto é, a meu ver, o principal elemento característico do turismo ativo sendo que é também o grande diferenciador relativamente ao turismo de aventura, porque a maioria das atividades de turismo de aventura podem ser realizadas tanto ao ar livre como em edifícios com as devidas infraestruturas. O desporto e a natureza tornaram-se um atrativo turístico que tem vindo a ter cada vez mais oferta e que faz a procura aumentar também em diferentes estratos sociais, diferentes faixas etárias e mesmo diferentes condições físicas.

Alguns autores discordam na definição de turismo ativo devido à sua ligação ao desporto, pois há quem considere que o facto de alguém se deslocar para ver alguma competição desportiva, como os Jogos Olímpicos, pode ser considerado turismo ativo. A meu ver, turismo ativo está relacionado com o desporto, no entanto, esta relação implica participação e deslocação para um local fora da sua rotina diária, assistir a um evento desportivo ficaria de fora da definição deste tipo de turismo. Algo que ficaria igualmente incluído na definição de turismo ativo, seria a ligação do desporto à natureza e à realização das atividades na natureza, pois muitas das atividades que são disponibilizadas pelas empresas de animação turística estão de certa forma associadas à natureza.

Standeven e De Knop (1999) referem que da relação entre o turismo e o desporto só podem sair vantagens para os dois lados, pois estes dois sectores, mesmo separadamente, conseguem oferecer aos seus praticantes uma diversidade de atividades muito grande, que acaba por gerar uma procura igualmente grande e depois traz vantagens para o turismo, para o desporto e para outros sectores económicos de um país, e que vem este mesmo país ser cenário das suas atividades e estas acabam por promover, o turismo, o desporto e o país onde se inserem.

Pereira (2006:45) define o carácter desta relação e das características das atividades que ambos realizam *“podem ser vários os objectivos do desporto e do turismo, que vão desde a organização de férias desportivas programadas com apenas um desporto*

(especializadas) a férias programadas com vários desportos (generalistas) até à oferta de práticas desportivas no âmbito geral da oferta da animação turística; podem ser entendidas na perspectiva da recreação, da melhoria da condição física, do contacto com a natureza ou com a aventura, também consideramos relevante a organização de estágios desportivos para equipas profissionais, de grandes acontecimentos desportivos; espetáculos desportivos assim como as férias normais sem programação desportiva mas com infraestruturas desportivas disponíveis, para práticas informais.”

2.2.2. Motivações

Segundo o Turismo de Portugal, existem diversas razões para se realizar turismo ativo, estas são as principais impulsionadoras do turismo de aventura, no qual se encontra inserido o turismo ativo, pois estes desejos satisfazem-se uma vez, mas depois é necessário voltar ao quotidiano e estes desejos voltam e acabam por se tornar uma necessidade para alguns, pois permite a muita gente libertar-se do stress que tantos problemas, físicos e psicológicos, podem causar. A saber:

- **Fugir do quotidiano:** as pessoas cansam-se da rotina diária, que os leva a realizar sempre a mesma coisa todos os dias, o que leva os turistas a quererem fazer algo diferente, que não faça parte das suas atividades diárias e que não esteja diariamente ao seu alcance;
- **Desejo de contacto com a natureza:** as migrações que existem do interior e das pequenas cidades para o litoral e para as grandes cidades levam a que as pessoas se afastem da natureza, e, por sua vez, o stress diário que se vive nos grandes centros urbanos faz com que as pessoas necessitem de alguma calma na sua vida, sendo que utilizam a natureza e as atividades que o turismo ativo oferece para a conseguirem.
- **Desejo de percorrer espaços novos:** o facto de estarem sempre circundados pelas mesmas pessoas, sempre nos mesmos espaços, faz com que se queira fugir à rotina e fruir espaços novos e, conseqüentemente, novas experiências.
- **Risco:** devido à monotonia que existe na vida das pessoas que moram nos centros urbanos, o risco, a adrenalina que lhes é proporcionada ao realizarem determinadas atividades oferecidas pelo turismo ativo, é algo de novo, algo que

os faz querer realizar diversas atividades que lhes ofereçam a maior quantidade de risco e adrenalina.

No entanto, há alguns autores como Jacinto e Ribeiro (2003) que defendem que estas atividades físicas que são realizadas no meio natural deixam de ser somente para servir uma necessidade e passam a ser algo que os participantes realizam apenas por puro lazer, também pelo facto de existir uma maior número de acessibilidades aos espaços onde são realizadas as atividades, ou até mesmo pela segurança com que estas são feitas. No início da atividade do turismo ativo, quem realizava as atividades poderia correr algum perigo e se o fazia era para satisfazer algum tipo de necessidade, com o passar dos anos, contudo, com a melhoria das infraestruturas, as pessoas passaram a realizar este tipo de atividades com mais frequência e passaram a fazê-lo por puro lazer.

2.2.3. Atividades

As empresas de turismo apresentam uma diversidade de atividades na sua oferta e algumas estão mais direcionadas para um determinado tipo de atividades, como por exemplo atividades em terra, no ar ou na água e mesmo dentro destas categorias podem especificar ainda mais e serem especialistas em determinadas atividades, também dependendo do território onde estão inseridas, como é o caso dos percursos pedestres, que é uma das atividades em que muitas empresas se especializam.

No contexto das atividades em terra, importa referir:

- **Percursos pedestres:** os percursos pedestres podem ser classificados tendo em conta a sua função, a sua forma, o seu grau de dificuldade. Em relação às funções destacam-se a educativa e a recreativa. No que concerne à forma, podem ser lineares, circulares, em oito, em anéis contíguos, em anéis satélites ou em labirinto. Já no que diz respeito à dificuldade existe alguma controvérsia, no entanto, foram classificados como plano, ondulado ou acidentado que varia de acordo com o relevo que o território apresenta.
- **Trekking:** pode ser uma caminhada ou expedição que tem como principais objetivos aproximar-se da natureza, superar os próprios limites do corpo e da mente, encontrar locais ainda inexplorados.
 - **Wild trekking:** designa a progressão por locais com relevo bastante irregular, de forma a alcançar locais de difícil acesso e de beleza ímpar.

- **Trekking na neve:** consiste numa caminhada ou expedição num cenário de neve e com o auxílio de raquetes de neve que ajudarão na progressão no terreno.
- **BTT:** consiste na exploração de um terreno, na sua maioria com algum relevo, mas usando uma bicicleta apropriada.
- **Motas e bicicletas:** o aluguer de ambos os equipamentos é classificado como turismo ativo. Para alugar a mota é necessário ter carta de condução, para a bicicleta o aluguer é livre desde que esta seja entregue da mesma maneira que foi alugada.
- **Equitação:** envolve a interação com cavalos sempre controlados por profissionais.
- **Escalada:** consiste na exploração de uma superfície íngreme e quando o praticante não tem experiência deve ser seguido por profissionais.
- **Espeleologia:** consiste na exploração de grutas, por norma acompanhado por alguém que as conheça de forma a preservar as grutas e a realizar a exploração da mesma dentro das normas de segurança.
- **Caça:** deve ser sempre feita em locais permitidos e com as devidas licenças em ordem e consiste em apanhar animais selvagens e somente determinados animais podem ser caçados.
- **Observação de aves:** a fauna em Portugal faz com que esta seja uma atividade realizada com uma diversidade muito grande, pois permite a observação de espécies raras, algumas mesmo em vias de extinção.
- **Orientação:** está ligada à exploração de determinado terreno onde é necessário passar por determinados pontos para cumprir a rota anteriormente estipulada e assim chegar ao fim da mesma.
- **Tiro ao alvo:** deve ser seguido por profissionais e, por norma, requer uma formação prévia, devido aos equipamentos que é necessário manusear para a realização desta atividade.

Em relação às atividades que decorrem no ar, merecem destaque:

- **Voo Livre - Asa delta e parapente:** tanto a asa delta como o parapente são aeronaves, a asa delta permite planar e aproveitar da melhor maneira a paisagem envolvente, o parapente deriva do paraquedas e permite também planar mas ajudado por uma espécie de motor. Para se poder praticar qualquer uma destas

modalidades, é necessário uma licença, por isso, para quem não tem é necessária a companhia de alguém na execução da atividade.

- **Balões de ar quente:** no que diz respeito aos balões de ar quente, têm que ser guiados sempre por alguém com licença para o fazer, o que por norma já está incluído quando se compra a viagem.
- **Paraquedismo:** consiste em sobrevoar uma área de avião e subir a uma determinada altitude e depois, assistido por um paraquedas, saltar do avião e aterrar na área que foi previamente sobrevoada.

No que diz respeito à água, consideram-se as seguintes atividades:

- **Motas de água, barcos:** o aluguer destes equipamentos está incluído na lista de atividades que são consideradas turismo ativo, no entanto, para o barco é necessária carta de condução de barcos ou então alugar o barco com condutor, ao passo que as motas de água também necessitam de carta pelo menos de marinheiro.
- **Canoagem:** consiste na exploração de um rio, utilizando a canoa para auxiliar essa exploração.
- **Canyoning:** consiste na exploração de um rio, ultrapassando os obstáculos que aparecem no caminho. É uma atividade extremamente segura, quando é realizada com o auxílio de pessoas especializadas que pretendem garantir a segurança de todos os participantes.
- **Trekking aquático:** segundo a empresa TerraPedestre *“É uma actividade de natureza que consiste na exploração progressiva de um rio, de forma apeada (a pé), percorrendo o seu caudal transpondo alguns obstáculos e com pouco equipamento. Uma vez que, Portugal tem imensos rios acaba por ser um ou dois locais mais privilegiados para a prática desta modalidade.”*
- **Pesca desportiva:** desde que seja feita em locais aprovados pelas autoridades, pode ser realizada por qualquer turista que saiba utilizar uma cana de pesca.
- **Surf, windsurf e bodyboard:** são três atividades ligadas ao mar que pressupõem a supervisão de um profissional e uma formação prévia.
- **Vela:** deve ser realizada sempre com a supervisão de pessoal com licença para velejar.

- **Observação de golfinhos e baleias:** em Portugal, são poucos os locais em que se pode observar estes animais. Os golfinhos podem ser vistos no Sado e as baleias somente nos Açores.
- **Hidrospeed:** consiste na descida de rios, ribeiras e águas bravas numa espécie de prancha, deve ser sempre acompanhado por profissionais.
- **Mergulho:** não pode ser realizado sem supervisão e só com carteira de mergulhador, ou seja, somente após formação pode ser realizada esta atividade.

2.2.4. Impactos e soluções

Estes dois segmentos do turismo, embora bastante importantes para os turistas devido ao contacto com a natureza, podem por em causa o meio ambiente em que se realizam as atividades, impedindo que outras pessoas possam usufruir do espaço que outros estragaram.

Segundo um estudo realizado pela ANETURA (2005) (Associação Nacional de Empresas de Turismo Ativo), concluiu-se que o nosso país não se consegue afirmar como destino de natureza devido a um conjunto de fragilidades, designadamente

- Organização deficiente;
- Pequena dimensão das empresas que operam no sector;
- Insuficiente acumulação de experiência, tecnologia e *know-how*;
- Falta de regulamentação;
- Limitação para a estruturação de produtos ou experiências integrais;
- Deficit de recursos humanos especializados.
-

Este tipo de turismo a meu ver tem aspetos negativos e positivos.

Os principais aspetos positivos são:

- Atrai turistas à área onde é realizado, o que faz com que este contribua para o desenvolvimento económico e social da dita área;
- Permite contacto mais direto com a natureza, ou seja, quando alguém realiza este tipo de atividade, pretende fugir à rotina e à “confusão” da cidade.
- Permite aos turistas terem novas experiências, ou seja, permite-lhes realizar atividades que fogem um pouco às atividades padrão, como o turismo de sol e praia, ou como turismo cultural, que mesmo dando experiências maravilhosas aos

seus turistas, não lhes proporcionam, necessariamente, experiências que os façam querer repetir, o que acaba por acontecer com o turismo ativo.

No que concerne aos aspetos negativos (para além dos que referi para que Portugal não se afirme como destino de natureza), saliento:

- Contribui para a degradação do meio ambiente em que se encontra, ou seja, se os turistas não forem informados devidamente sobre os cuidados que devem ter e se têm conhecimento ambiental suficiente para cuidar dos habitats de animais e plantas que habitam neste mesmo ambiente. No entanto, a informação que dão aos turistas antes da realização das atividades pode não ser suficiente, visto que continuam a ser destruídos meios ambientes muito importantes para a sobrevivência das diferentes espécies.
- Algumas das atividades, se não forem realizadas cuidadosamente, podem ser uma ameaça à integridade física dos turistas, ou seja, devido à degradação do solo e, por vezes, à falta de segurança por parte de algumas empresas, existem atividades que podem por em risco a integridade física dos turistas e, em alguns casos, se os turistas não cumprirem as normas de segurança, podem correr um certo perigo.

O turismo ativo e a animação turística tem os seus pontos positivos e os seus pontos negativos, no entanto, neste caso os negativos pesam um pouco mais do que os positivos, pois as consequências são maiores que os benefícios.

Gaudreau, Leópold (1990) definiu um conjunto de medidas que servem como soluções para os problemas que foram referidos anteriormente, ou seja, as externalidades negativas da animação turística e do turismo ativo e que configuram como exemplo de boas práticas, a saber:

- **Medidas preventivas**, que consistem na escolha criteriosa de materiais utilizados, localização dos equipamentos e dos períodos de uso;
- **Medidas administrativas**, nomeadamente o controlo das entradas nos espaços e das atividades que ali se desenvolvem;
- **Medidas de incentivo**, designadamente a orientação dos praticantes de modo a afastá-los dos locais mais perigosos;
- **Medidas educativas**, através das quais os participantes são estimulados para terem respeito pelo meio ambiente;
- **Medidas de restauro**, destinadas a intervir sobre áreas danificadas ou em risco.

- **Medidas coercivas**, exigem regulamentação, fiscalização e atuação eficazes.

Se estas medidas forem todas aplicadas e respeitadas, seria possível pelo menos reduzir o impacto no meio ambiente e reduzir o risco de por em causa a integridade física de algum dos participantes. O turismo de natureza é, provavelmente, um dos tipos de turismo que tem mais impactos negativos, pois de cada vez que um turista está em contacto com a natureza e deixa para trás mais do que a sua pegada, está a poluir o ambiente e pode estar a impossibilitar que no futuro outras pessoas conheçam a área onde esteve da mesma maneira.

2.3. Turismo Acessível

2.3.1. Conceito

Conforme refere Taleb Rifai, Secretário-Geral da OMT, no documento *Turismo Acessível para Todos* disponibilizado pelo Turismo de Portugal, (2013) “*A acessibilidade é um elemento central de qualquer política de turismo responsável e sustentável. Constitui simultaneamente um imperativo dos direitos humanos e uma oportunidade de negócio excepcional. Acima de tudo, temos que começar a compreender que o turismo acessível não beneficia apenas as pessoas com deficiência ou com necessidades específicas, beneficia a todos.*”

O turismo deve ser acessível para todos, pois todos têm o direito de usufruir das muitas maravilhas que o turismo tem para oferecer. É certo que muitas pessoas se sentem condicionadas para praticar turismo e isto acontece porque estas pessoas estão preparadas para o turismo, mas o turismo não está preparado para estas pessoas.

A sociedade encontra-se cada vez mais preocupada com a falta de acessibilidades que existem para com as pessoas com dificuldades motoras ou intelectuais não só no turismo, mas mesmo no dia a dia de cada uma destas pessoas que se deparam com barreiras que não deveriam existir e que, em muitos casos, são barreiras também para quem não possui deficiências, não esquecendo que ainda existe muita discriminação para com estas pessoas mesmo e também no que diz respeito à vida profissional e no que toca à vida social. Muitas destas pessoas podem ter mais qualificações do que pessoas sem qualquer problema, mas, no entanto, estas acabam por ser rejeitadas devido à sua incapacidade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), existem cerca de mil milhões de pessoas com deficiência no mundo. Isso equivale a aproximadamente 15% da população mundial com alguma incapacidade física, mental ou sensorial.

Como já referi anteriormente, o turismo ainda não está completamente preparado para que estas pessoas sejam totalmente integradas nas atividades que o turismo tem para oferecer, e não só as atividades que estão ligadas ao turismo ativo, mas sim todas as atividades que estão também ligadas aos outros sectores do turismo. Temos, por exemplo, o caso dos museus, que nem sempre têm os melhores acessos, até para pessoas que têm uma incapacidade apenas temporária, como é o caso de quem anda de muletas ou mesmo de cadeira de rodas apenas durante um curto espaço de tempo.

Temos também de perceber que o turismo acessível não é somente para pessoas incapacitadas, pois é direcionado para as crianças que nem sempre tem a mesma oferta de atividades que os adultos têm, é também para idosos que por vezes gostariam de experimentar as atividades que o turismo ativo tem para oferecer e, no entanto, estas não estão direcionadas para eles.

Este último grupo tem uma contrariedade, eles não apreciam ser diferenciados dos outros tipos de turistas, falando mais especificamente dos idosos, ou seja, eles gostam de fazer as mesmas atividades que um turista normalmente faz e por norma os profissionais das empresas responsáveis pelas atividades tentam tratá-los da mesma maneira, referindo que é apenas necessário terem cuidados para garantir a sua segurança. Neste sentido, compete às empresas responsáveis garantir que eles realizam as atividades da mesma maneira que qualquer outro turista, mas tendo sempre em conta as capacidades físicas de cada um e adaptar a atividade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2011), *“Prevê-se igualmente um rápido envelhecimento da população. Até ao ano de 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos de idade vai aumentar para 20% da população mundial, com um quinto desse grupo a corresponder a pessoas com mais de 80 anos.”*

Através desta afirmação, podemos perceber que a população idosa vai sofrer um aumento nas próximas décadas, o que mostra também que o turismo acessível vai ter cada vez mais adeptos e cada vez mais pessoas a procurar as atividades que este tipo de turismo pode proporcionar, sem por em causa a integridade física dos participantes.

“Como a procura para o turismo acessível é crescente, deverá ser visto como uma oportunidade e não uma obrigação. Se a indústria do turismo quer manter e desenvolver a sua qualidade, sustentabilidade e competitividade, deve apoiar e desenvolver o turismo acessível.” (TP, 2013)

O turismo acessível deve ser um dos principais produtos estratégicos do turismo, não só em Portugal, mas em todo o mundo e compete apenas aos responsáveis pelo turismo e à Organização Mundial de Turismo garantir que este sector turístico tem a devida atenção e o devido destaque no turismo a nível mundial. Mesmo para passar uma imagem para a sociedade, uma imagem de igualdade, uma imagem sem discriminações.

“Um turismo acessível com enfoque nas pessoas com deficiência, particularmente nas pessoas mais idosas, pode ter um grande potencial económico se pensarmos que essas pessoas trarão consigo os seus familiares e amigos e passarão palavra sobre a boa experiência vivida.” (TP, 2013)

O turismo acessível é um mercado em expansão e no caso de Portugal é um mercado que está em desenvolvimento, no entanto, só em pequenos nichos e não a uma escala maior, o que faria muita diferença e causaria um impacto na sociedade e penso que ajudaria a mudar muitas mentalidades, o que iria ao mesmo tempo deitar abaixo barreiras que se impõem para pessoas com qualquer tipo de deficiência e mesmo mudar a sua qualidade de vida.

De qualquer maneira, temos de ter em conta que é praticamente impossível criar soluções que sejam acessíveis na sua totalidade, pois haverá sempre alguém com necessidades diferentes, ou seja, convém tentar adaptar as situações aos problemas, tendo em conta as infraestruturas acessíveis que temos disponíveis e tentar resolver a situação da melhor maneira. Cada turista é diferente e cada um terá diferentes necessidades e é perfeitamente viável criar soluções que agradem a muitas pessoas, pois turistas com incapacidades serão muito provavelmente acompanhados por turistas com todas as suas capacidades, o que vai acabar por aumentar ainda mais o fluxo turístico.

Nestes casos, penso que é muito importante ouvir o que o turista quer e a partir daí definir qual a melhor alternativa. Aqui é onde impera a máxima que o cliente tem sempre razão. No fundo, o que será necessário é fazer com que estes turistas se sintam integrados na atividade e nunca se sintam diferentes dos outros. É necessário criar melhores condições para todos, para que todos sintam que ninguém é discriminado, ou seja, inculcar na sociedade que as pessoas com incapacidades físicas e psicológicas têm direito a ter acesso aos serviços disponíveis como qualquer outra pessoa. Temos também de pensar que é necessário criar estes acessos não só para quem vai visitar mas também para quem trabalha nestes locais. Segundo a Organização Mundial de Turismo, o turismo acessível está ligado a todas as pessoas envolvidas nas atividades, sejam eles praticantes ou intervenientes das empresas, estas últimas de forma a manter a segurança no local trabalho e assim criar uma realidade turística mais inclusiva, da qual todos possam usufruir.

A melhor forma de realizar as mudanças que são necessárias será através da rentabilização das infraestruturas que já existem e, assim, instalar os acessos mais fáceis. Logicamente, nem todas as infraestruturas são adaptáveis e assim seria necessário alterar toda a infraestrutura, mas é necessário um plano que inclua os acessos no que já existe, de maneira a diminuir os custos, porque estes equipamentos têm valores bastante elevados.

2.3.2. Deficiência/Incapacidade

De acordo com o documento *Turismo Acessível para Todos, Recomendações da OMT*, disponibilizado pelo Turismo de Portugal (2013), “A deficiência resulta da interação entre pessoas com necessidades especiais e das barreiras ambientais e de atitude que impedem a sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de direitos com os outros. Compreender a deficiência como uma interação significa que a deficiência é um conceito social, não um atributo da pessoa;”

Como foi referido no citado documento, a deficiência é um conceito criado pela sociedade, por uma sociedade que não aceitava a diferença e que não se apercebia que todos somos diferentes, independentemente das nossas capacidades motoras, psicológica ou qualquer outra incapacidade que possamos ter, somos todos ser humanos e todos merecemos ter acesso a tudo o que a sociedade nos possa proporcionar sem sofrermos discriminação.¹ No meu ponto de vista, a sociedade tem mostrado algumas mudanças e o facto de se criar um tipo de turismo que faça com que o turismo chegue a todos da mesma maneira é um grande passo para que esta discriminação deixe de existir, não atualmente, mas num futuro próximo.

Ainda segundo a OMT, “Pessoas com deficiência são aquelas que têm deficiência física, mental, intelectual ou sensorial, de longo prazo. Outros que podem ser incluídos neste grupo devido a problemas no acesso a produtos e serviços turísticos são pessoas com incapacidades temporárias, pessoas com muletas durante um período temporário, idosos, pessoas carregando grandes volumes, crianças, grávidas ou pessoas com estatura muito grande ou muito pequena.” (TP,2013)

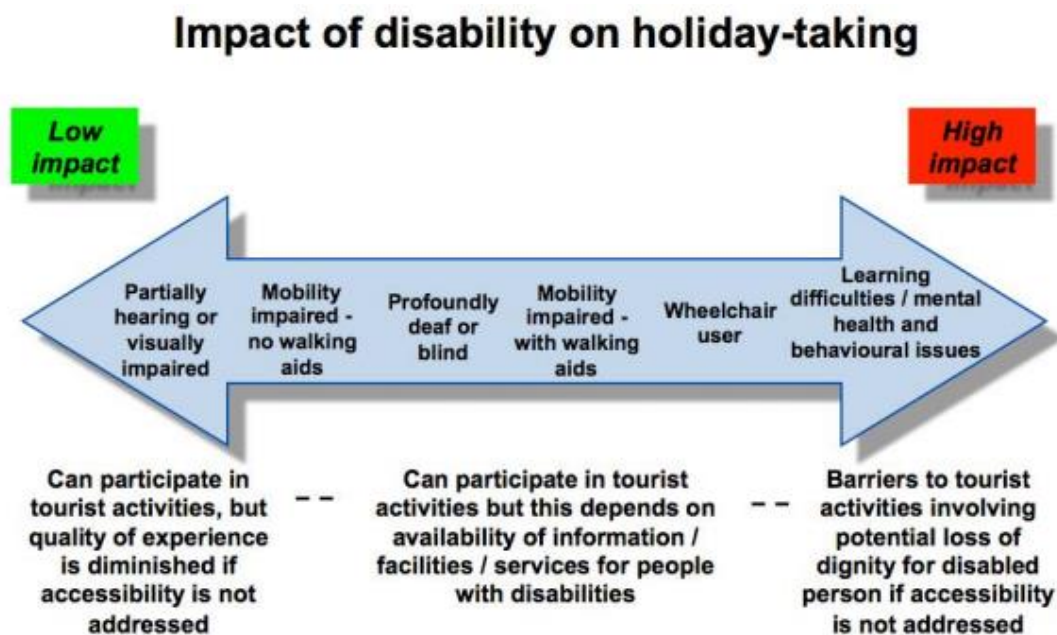
A incapacidade é algo que pode ser permanente para muitas pessoas, mas também encontramos pessoas com incapacidades temporárias, que acabam por ser mais fáceis de resolver, dependendo muito do turista e de quanto está disposto a abdicar, pois já sabem como é ter acesso ao turismo na sua melhor forma, logo existem diferenças, mesmo que os responsáveis pelo turismo a nível mundial queiram que estas diferenças não se notem.

¹ No caso de Portugal, existe legislação que revela preocupações com a discriminação relativamente à incapacidade. Designadamente os decretos de lei nº 163/2006, com a finalidade de melhorar alguns aspectos de acesso, nº74/2007, que visa os direitos dos indivíduos incapacitados e a lei nº46/2006 que proíbe a discriminação relativamente à deficiência.

Estas Leis e Decretos - Lei são fundamentais para um bom funcionamento das empresas que querem ter no leque de ofertas, as atividades de turismo acessível. Mas algumas delas são também muito importantes para um bom funcionamento da sociedade em geral.

Acaba por ser, ao mesmo tempo, complicado de fazer com que seja igual para todos, mas deve ser sempre com intuito de os fazer sentir o melhor possível que se deve encarar qualquer uma destas pessoas, seja a incapacidade temporária ou permanente.

2.3.3. Impactos da deficiência na prática do turismo



Fonte: European Commission, *Mapping and Performance Check of the Supply of Accessible Tourism Services*, 2015

Figura 1. Impactos da deficiência na prática de turismo

O facto de alguém ser deficiente pode afetar a maneira como o indivíduo vai viajar, logo de início vai implicar a decisão de viajar ou não, o que vai influenciar esta decisão vão ser as acessibilidades que ele vai encontrar como garantidas na informação que tem sobre o destino da sua viagem.

Como podemos ver na figura 1, dependendo da gravidade da incapacidade, os obstáculos são também um entrave maior, sendo que, quando o indivíduo é portador de uma deficiência auditiva ou visual parcial, pode realizar a maior parte das atividades que um turista sem deficiência pode, no entanto, a qualidade da experiência depende muito da existência de acessibilidades. Quando um indivíduo tem a sua mobilidade condicionada, mas não necessita de ajudas de equipamentos (deficiência temporária) para se mover, tal como para condição anterior necessita de boas acessibilidades para realizar uma experiência sem que esta perca qualidade, mas já necessita de algumas informações para decidir escolher determinado destino ou experiência. Nesta mesma categoria, já se

incluem os indivíduos com deficiência auditiva e/ou visual total, pois já têm mais algumas dependências e, não tendo acesso a informação sobre as acessibilidades disponíveis, isso vai também condicionar e influenciar a escolha de destino e/ou de experiência.

Quando o nível de deficiência está relacionado com a mobilidade condicionada, mas neste caso já é necessária a ajuda de equipamentos, como as canadianas ou em casos mais graves a cadeira de rodas, as acessibilidades são cruciais quando falamos em escolher, em primeiro plano, o destino, pois, sem a presença de acessibilidades nas vias pedestres ou nos locais públicos, deixa de ser uma escolha. Em segundo plano, as experiências que mesmo que o país onde são realizadas tenha as melhores acessibilidades, se as experiências que oferecem não o forem, pode ser também fator de eliminação.

Por fim, temos o caso mais complicado e que é o que necessita de mais apoios humanos, quando falamos de deficiência intelectual, ou seja, com dificuldades de aprendizagem, com alterações comportamentais, temos que compreender que necessitam do máximo de atenção, pois nem sempre têm noção da realidade e precisam de acompanhamento para todas os passos que dão e, neste caso, para todas as atividades que realizam. Assim sendo, é necessário providenciar a melhor opção de viagem que inclua também acompanhante e que faça com que o cliente se sinta o mais normal possível, porque na nossa sociedade essa nem sempre é a realidade de indivíduos com este tipo de deficiência.

2.3.4. Requisitos a cumprir

A Organização Mundial de Turismo criou um conjunto de requisitos que todos os envolvidos na indústria do turismo devem seguir para que estejam aptos a receber qualquer pessoa, seja ela incapacitada ou não e estes requisitos estão ligados aos locais que facilitam a acessibilidade a todos os incapacitados, sendo cumpridos pelos serviços turísticos públicos e privados de forma a abranger toda a sociedade no turismo.

• Áreas de Estacionamento

- Todas as áreas de estacionamento devem ter os lugares reservados para portadores de cadeiras de rodas, para invisuais ou para qualquer tipo de incapacidade que o turista possa ter e, além disso, devem ser largos o suficiente para que seja possível a saída do veículo.

- **Comunicação**

- Os meios de comunicação devem estar acessíveis a todos independentemente da sua altura, idade ou capacidade de visualização. E, de forma a garantir uma boa comunicação entre todos, deve haver sempre alguém com formação em braille e língua gestual para garantir que as informações passam para todos.

- **Simbologia**

- Devem estar explícitos e visíveis para todas as alturas e em braille para que toda a gente consiga perceber independentemente da altura ou de não ter capacidade de visualização.

- **Movimentação Horizontal (nos edifícios)**

- Querem garantir que qualquer pessoa com incapacidade tem o máximo de autonomia, só sendo ajudados mesmo quando necessário.

- **Movimentação Vertical (nos edifícios)**

- Os elevadores e as escadas rolantes são instrumentos muito importantes para uma boa movimentação entre pisos por exemplo.

- **Instalações Sanitárias**

- Devem ser devidamente equipadas e identificadas de forma a serem utilizadas por todos os turistas.

- **Preços**

- Quando é pedido um orçamento, deve ser incluído no mesmo o preço da utilização das infraestruturas da acessibilidade.

- **Transportes e respetivas estações**

- Tentar incluir nos transportes os melhores meios acessíveis, tendo disponíveis as informações em diferentes formatos. Relativamente às estações, devem estar devidamente equipadas para que seja possível uma boa movimentação por parte de todos.

- **Vias Principais**

- Devem estar equipadas com áreas de descanso com curtos intervalos espaciais, não só para pessoas com incapacidades, mas para qualquer condutor.

- **Alojamentos e Restauração**

- Os alojamentos devem ter quartos acessíveis e com boas condições, não todos mas alguns devem ser acessíveis e devem estar localizados o mais perto da saída possível e estar equipados com alarmes que sejam perceptíveis para todos, incluindo quem tem problemas auditivos. No que diz respeito à restauração, um número considerável destes estabelecimentos devem estar equipados para permitir autonomia a todos os seus clientes.

- **Salas de Conferências**

- Têm que estar devidamente providas de espaços para deficientes motores e material visual e auditivo para quem possua problemas auditivos ou visuais e de sinalética que indique a presença dos mesmos.

- **Atividades Culturais**

- Os museus, os teatros e os cinemas devem ser providos de material que seja em formatos acessíveis, deve haver sempre a presença de rampas ou elevadores para promover autonomia aos visitantes e, tal com noutros edifícios, devem possuir espaços para pessoas com deficiências motoras.

É necessário que os colaboradores saibam também como agir perante determinadas situações e que as consigam contornar da melhor maneira, daí que cada pessoa tenha o seu papel, sendo que cada um destes papéis é importante para que se consiga fazer com que o turismo acessível seja aceite, divulgado e procurado por cada vez mais turistas, ou seja, para que tudo funcione em condições, é necessária a ajuda de todos os que sejam qualificados para o fazer.

O turismo acessível é um segmento do turismo que se tem vindo a expandir e que está a ser uma das grandes apostas por parte das entidades turísticas responsáveis. A procura tem aumentado e a oferta, felizmente, tem acompanhado em alguns sectores a procura, principalmente no sector cultural, onde se tem visto grandes mudanças, nomeadamente nos museus e nos restantes equipamentos culturais onde tem sido criados meios de acesso para todos, havendo mesmo empresas que têm como principal objetivo fazer chegar a cultura do nosso país a todos e da mesma maneira.

2.4. Acessibilidades no turismo activo

2.4.1. Dos problemas às soluções

O turismo ativo também é atrativo para pessoas que possuem deficiências motoras e intelectuais, embora não aparente ter o mesmo nível de oferta que um turismo normal, pois são também necessárias infraestruturas e funcionários formados para realizar as atividades com a máxima segurança. O turismo deve ser acessível para todos, todos têm o direito de usufruir das muitas maravilhas que o turismo pode oferecer, sendo certo que muitas pessoas se sentem condicionadas para praticar turismo.

De acordo com o documento *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade*, disponibilizado pelo Turismo de Portugal (2013), *“O trabalho desenvolvido no sentido de traçar caminhos para a inclusão de públicos específicos em Atividades ao Ar Livre, mais não é do que uma partilha de preocupações e o desejo de ver incrementado o esforço já existente neste domínio. A mudança da tónica colocada nas acessibilidades, característica dos finais do século XX para uma atitude de inclusão não discriminatória no início do novo século, surge como uma oportunidade para a otimização de esforços, pois implica alargar públicos em vez de os restringir na sua essência.”*

O turismo ativo pretende oferecer aos turistas, uma escapatória ao quotidiano, à sua rotina e atividades que lhes dê uma sensação de liberdade, que de outra maneira não conseguiria ter. Um turista que possua algum tipo de incapacidade sente-se preso na maioria das vezes aos equipamentos que permitem a sua mobilidade, mesmo que esta seja reduzida. Através das atividades que o turismo ativo proporciona aos seus praticantes, quem tem algum tipo de incapacidade pode sentir-se livre. Mesmo utilizando equipamentos onde estão presos, sentem-se livres porque percebem que também eles podem realizar estas atividades, como qualquer pessoa.

Qualquer atividade radical que seja realizada, no âmbito do turismo ativo e não só, tem que ser devidamente aprovada e tem que ser garantida a segurança de todos os intervenientes e, no que diz respeito ao turismo acessível, a questão da segurança tem de ser ainda mais posta em causa, porque não havendo segurança, não se pode garantir a integridade física de cada participante. Daí a exigência legal elevada para este tipo de atividades.

Evidentemente, é necessário avaliar as condições de cada interveniente antes de serem realizadas as atividades, dependendo também se é deficiência motora ou intelectual, e qual o nível de compreensão das regras das atividades, para manter tanto o

participante como o seu acompanhante em segurança durante a realização das mesmas. A meu ver, estas atividades são libertadoras, principalmente da parte intelectual, porque fazem-nos perceber que só existem barreiras, se nós deixarmos que elas existam, e afirmo isto falando não só de pessoas com deficiências, mas também de pessoas sem qualquer problema, que por vezes acabam por ser quem tem mais problemas e acabam por ser quem fica mais liberto depois de realizar esta experiência.

O Turismo de Portugal define quais os tipos de deficiências que podem ser incluídas neste tipo de atividades, a saber:

Deficiências Motoras

“A deficiência motora resulta de uma disfunção física ou motora, congénita ou adquirida por doença ou acidente, temporária ou permanente, dependendo da respetiva causa e poderá assumir uma maior ou menor gravidade, no que diz respeito à sua mobilidade e coordenação motora. Este tipo de deficiência pode decorrer de lesões neurológicas, neuromusculares ou ortopédicas.” (TP, 2013)

Estes são os turistas que normalmente se deslocam em cadeiras de rodas, com o auxílio de muletas e para os quais existem mais equipamentos para garantir que podem realizar as atividades com qualquer outro turista e garantir também a sua segurança da melhor maneira. As principais barreiras estão nos acessos às atividades, aos edifícios como, por exemplo, para irem à casa de banho e não tanto na realização das atividades. Aqui, é muito importante que os profissionais que vão intervir nas atividades tenham a formação adequada, não só para a realização da atividade mas também para o acompanhamento destes turistas.

Deficiências Sensoriais

- Auditivas:

“A deficiência auditiva pode ocorrer em qualquer idade e pode estar relacionada com fatores de natureza hereditária ou congénita (malformações/ alterações morfológicas), que se manifestam aquando do nascimento ou decorrentes de doenças ou acidentes. A consequência mais grave da deficiência auditiva é a dificuldade de comunicação relacionada com o desenvolvimento da fala. Muitos dos que têm dificuldade auditiva podem, igualmente, ter mais dificuldades na compreensão e na expressão oral.” (TP, 2013)

Este tipo de deficiência é relativamente fácil de acompanhar, pois eles conseguem ver o que estão a fazer, mas nem sempre têm noção dos perigos, uma vez que a audição ajuda a compreender quais estes são. O grande problema está ligado à comunicação entre monitores e turistas, visto que, não sabendo língua gestual, torna-se complicado comunicar, daí as ajudas visuais serem bastante importantes para a realização segura das atividades. A importância dos monitores na realização de todas as atividades de turismo ativo é fulcral e não só com um turista que possua algum tipo de deficiência, pois a segurança é o fator mais importante não só para os portadores de qualquer deficiência, mas para todos os praticantes.

- Visuais

“A deficiência visual é a perda ou redução da capacidade visual, com carácter definitivo, não sendo suscetível de ser melhorada ou corrigida com o uso de lentes e/ou tratamento clínico ou cirúrgico. As limitações do campo visual abrangem não apenas a cegueira total, mas igualmente a visão parcial. Neste caso, a pessoa possui visão residual. Apenas uma percentagem limitada de pessoas com deficiência visual é totalmente cega. Destas pessoas cegas, há que ter em conta que algumas terão memória visual (já viram) e conseqüentemente têm padrões de referência distintos de uma outra pessoa cega que jamais viu. Este aspeto é relevante para efeitos de áudio descrição e explicações verbais.” (TP, 2013)

Estes turistas por norma não necessitam de usar os equipamentos de mobilidade, porque têm a mesma mobilidade motora, no entanto, não conseguem visualizar o que estão a fazer, podem apenas sentir. As empresas têm optado pelos cães guia para assegurar o acompanhamento destes turistas nas atividades que se realizam em terra, porém, quando as atividades são realizadas na água ou no ar, os turistas carecem de ser devidamente acompanhados pelos monitores.

Deficiências Intelectuais

“A deficiência intelectual é a designação que caracteriza os problemas que ocorrem no cérebro e levam a dificuldades de aprendizagem, de pensar abstratamente, de adaptação a novas situações, nas quais o conjunto de processos como memória, categorização, aprendizagem e solução de problemas, capacidade linguística ou de verbalização se encontram afetados. Os participantes com deficiência intelectual tendem a ser particularmente recetivos à componente afetiva da comunicação.” (TP, 2013)

Os turistas com deficiências intelectuais podem ser os mais fáceis de ajudar, mas também podem ser os mais difíceis, pois muitos podem ter dificuldades de aprendizagem e até mesmo de compreensão e algumas atividades se não forem compreendidas e se as suas medidas de segurança também não forem compreendidas torna-se muito complicada a realização das mesmas. No fundo, depende do nível em que o seu intelectual é afetado.

Para além destas deficiências, temos ainda os séniores. “*O envelhecimento é um processo lento que se caracteriza pela diminuição progressiva de habilidades motoras, sensoriais e cognitivas. No entanto, apesar de se constatar uma diminuição do equilíbrio e uma menor rapidez na execução dos movimentos, isso pode não significar perda de capacidade de deslocação nem problemas de dependência.*” (TP, 2013)

O facto de uma pessoa envelhecer não pode ser impeditivo para que continuem a viver a sua vida, e tendo sempre em conta a condição física de cada um, podem quase sem restrições realizar as atividades que o turismo ativo tem para oferecer, no entanto, por vezes, ou por falta de informação sobre onde encontrar este tipo de atividades, ou por falta de informação sobre como são realizadas estas atividades, muitos séniores não adquirem a possibilidade de as realizar. Por vezes, é necessário contacto direto com as empresas de animação turística de forma a perceber qual a melhor maneira de fazer o turista se sentir confortável.

2.4.2. Equipamentos de apoio

Os produtos de apoio para a realização das atividades são dos mais variados, sendo um mercado que encontra cada vez mais procura por parte das empresas de animação turística, para que tenham um público-alvo muito mais abrangente.

Segundo o *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade*, disponibilizado pelo Turismo de Portugal (2013) os seguintes equipamentos são os mais procurados pelas empresas de animação turística e são também os que apresentam uma maior oferta.

- **Grua de transferência (Hoist)** – é importante para transferir um deficiente motor de um local para outro, locais estes de difícil acesso, ou que seja necessário subir ou descer de alguma estrutura.
 - ✓ Características
 - Peso máximo do utilizador: 150 kg
 - Comprimento total da grua: 100 cm

- Largura total: 53 cm
- **JOB Chair** – é uma cadeira de rodas que permite ao utilizador estar na piscina ou no mar, é bastante leve o que acaba por facilitar a mobilidade.
 - ✓ Características
 - Veículo todo o terreno
 - Rodas pneumáticas que são indicadas para todo o tipo de terreno, incluindo com presença de neve
 - Peso: 7kg
 - Apoios de pernas e de braços ajustáveis ao utilizador
- **JOB Walker** – considerado um andarilho todo o terreno, que ajuda o utilizador a movimentar-se nos locais das atividades, é também construído com um material bastante leve, que permite uma boa mobilidade.
 - ✓ Características
 - Peso 5,5 kg
 - Sistema de desbloqueio rápido da estrutura e das rodas
 - Veículo todo o tipo de terreno
 - Facilmente desmontável
- **Joëlette** - Cadeira de uma roda – esta cadeira de apenas uma roda é o equipamento que permite participar em caminhadas, percursos pedestres e percorrer trilhos.
 - ✓ Características
 - Cinto de segurança peitoral e pélvico
 - Apoio de cabeça ajustável
 - Apoio de braços rebatível para facilitar a transferência do utilizador
 - Sistema de descanso
 - Apoio de tronco removível
- **Sistema Mobi-Mat** – é um tapete amovível que permite que uma cadeira de rodas normal consiga andar em superfícies que não são completamente regulares e que facilita bastante o trabalho aos monitores das atividades.
 - ✓ Características
 - Instalação fácil e rápida
 - Não poluente

- Resistente aos raios ultravioleta
 - Permeável e inerte à água salgada
 - Isento de manutenção
- **Single Rider Golf Car** – está especificamente ligado ao golfe, pois permite que o utilizador consiga jogar golfe e se movimente dentro do campo de golfe da melhor maneira e sempre em segurança.
 - ✓ Características
 - Capacidade giratória (230°) que permite ao jogador posicionar-se em diferentes ângulos
 - Permite ao jogador elevar-se para bater a bola
 - Não é necessária a utilização de volante ou pedais
- **Apoio Humano** – o apoio humano é tão ou mais importante que todos os equipamentos anteriormente referidos, sendo que sem os monitores estes equipamentos não podem ser utilizados, porque apenas eles tem formação adequada para o fazer. Como já referi anteriormente, a segurança é o mais importante quando se fala em atividades de turismo ativo, e só quem conhece estas atividades, que é o caso dos monitores, deve acompanhar os turistas. No caso dos trilhos, por exemplo, é necessário conhecê-los muito bem e quais os pontos seguros e perigosos de cada trilho para fornecer a melhor experiência aos turistas.

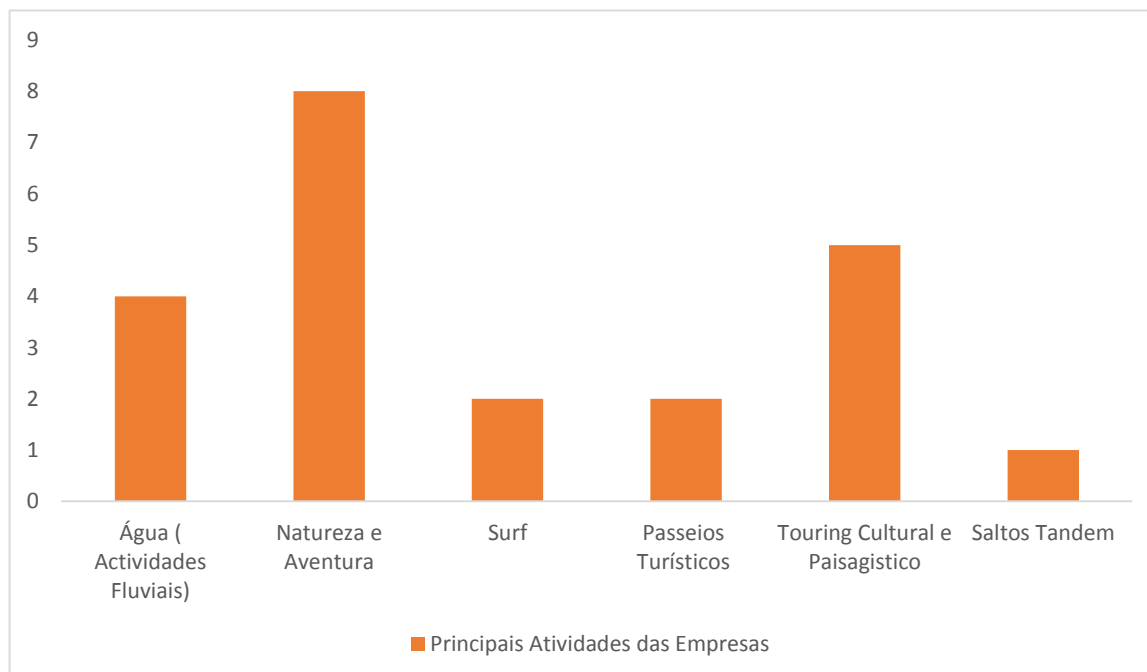
O turismo ativo e o turismo acessível podem ser dois dos maiores aliados, combinando dois tipos de públicos diferentes, mas com os mesmos interesses apenas com algumas impossibilidades que afinal não são impossíveis e que permitem às empresas de animação turística ter uma oferta bastante diversificada que agrada a quem vem praticar as atividades e a quem os possa vir a acompanhar, acabando por conseguir ter uma procura ainda mais elevada.

O turismo só sairá a beneficiar desta ligação, pois não será só o turismo ativo a ser desenvolvido, mas também o turismo acessível, o que permitirá que este se expanda para outros segmentos e para um grupo de turistas cada vez mais diversificado, que irá certamente apostar cada vez mais neste sector, sabendo do esforço que eventualmente será feito para que também eles tenham acesso às melhores experiências que o turismo pode oferecer.

A deficiência ou atingir a terceira idade não deve, de modo algum, ser impedimento para o que quer que alguém queira fazer, seja a nível pessoal, profissional ou, como neste caso, a nível social ou de lazer, pois tal como todos devemos ter acesso a oportunidades para estudar, ter uma carreira profissional e realizar atividades que nos tirem da rotina, todas as pessoas com algum tipo de incapacidade devem poder fazê-lo também. O facto da procura por atividades acessíveis, estejam elas ligadas ou não ao turismo ativo, ter aumentado, faz com que o turismo acessível seja uma aposta no sector, não só em Portugal, mas a nível mundial.

2.4.3. Casos de sucesso em Portugal

As empresas que vão ser apresentadas de seguida são bons exemplos de como se deve tornar o turismo ativo acessível a todos. Algumas começam a direccionar as suas atividades para um público-alvo específico, mas mantendo disponíveis as atividades acessíveis anteriormente criadas, enquanto outras tem as suas atividades centradas na acessibilidade e não num grupo específico. Todas estas empresas estão presentes no Registo Nacional do Turismo e têm permissão para a realização das atividades a que se propõem.



Fonte: Turismo de Portugal

Figura 2. Principais atividades das empresas

“Esta mostra não impede a inclusão de outras empresas, que observem, também, essas boas práticas e disponibilizem atividades de animação turística para públicos com

necessidades específicas, devendo para o efeito dar disso conhecimento ao Turismo de Portugal, através do Departamento de Desenvolvimento e Inovação.” (TP, 2013)

A figura 2 identifica as áreas em que as empresas que vão ser apresentadas trabalham, passando pelas atividades na água, onde temos 4 destas 12 empresas que oferecem atividades fluviais, de seguida as atividades de natureza e de aventura que têm 8 das 12 empresas a oferecer um leque de atividades de turismo ativo. O surf é oferecido por 2 das 12 empresas, sendo as duas especificamente ligadas somente ao surf. Os passeios turísticos são também oferecidos por 2 destas 12 empresas, mas que somente uma deles é especificamente direcionada para este produto. De seguida, temos o touring cultural e paisagístico que é oferecido por 7 das 12 empresas. Por fim, temos o salto tandem que é oferecido por uma destas empresas e que tem o seu produto centrado nesta atividade.

“Estas empresas apresentam a sua oferta de serviços adaptada através de equipamentos, da formação dos seus técnicos e animadores, bem como de soluções acessíveis disponibilizadas, abrindo, assim, o mercado dos potenciais clientes de atividades de turismo ativo.” (TP, 2013)

Todos os componentes de cada uma destas empresas são importantes para a realização das atividades com a maior segurança, como uma constante inspeção dos equipamentos, a melhor formação disponível estar ao dispor dos monitores das atividades e uma inspeção também às infraestruturas de forma a manter a segurança de todos os intervenientes nas atividades.

1. Accessible Portugal

A Accessible Portugal foi fundada em 2005, com o intuito de criar atividades acessíveis a portadores de deficiência; foi criada com sendo uma agência de viagens, operador turístico e empresa de animação turística. Está direcionada no mercado para a prestação de serviços turísticos a públicos com necessidades específicas e para os acompanhantes deste mesmo público. Na maior parte das vezes, a Accessible Portugal realiza as suas atividades em parceria com outras entidades que tenham sempre em conta a melhor acessibilidade nas suas atividades. Ultimamente, apostou em atividades direcionadas para outro público-alvo, que também tem algumas dificuldades no acesso ao turismo ativo, os séniores, e fazem-no de forma a garantir a qualidade e segurança em qualquer atividade oferecida ao público.

No entanto, esta empresa não trabalha só com turistas que venham para Portugal, trabalha com turistas portugueses e já proporcionou diversas experiências, culturais, radicais, a turistas portugueses no estrangeiro, da mesma maneira que proporcionou a turistas vindos de todo o mundo as melhores experiências que podem encontrar em Portugal.

2. Duck Dive

A Duck Dive é uma escola de surf criada em fevereiro de 2009, que tem sido pioneira em diversas situações, de tal maneira que foi umas das primeira a vigorar no portal oficial do Turismo de Portugal e em 2014, com 5 anos de existência, já contava com 8000 participantes nas suas aulas, sendo que grande parte deste número eram crianças entre os 4 e os 14.

“A Duck Dive é a primeira escola de surf em toda a Europa com um núcleo exclusivo de Surf Adaptado e com um corpo técnico especializado de treinadores de surf, fisioterapeutas, osteopatas e terapeutas ocupacionais nas diferentes áreas da deficiência.” (Duck Dive)

Este núcleo de surf adaptado é bastante importante para esta escola, pois é através dela que tem o seu projeto de inclusão social, realizando um evento anualmente, o Surf For All, que se tornou o primeiro evento do género em toda a Europa em 2011 e com o passar dos anos se tornou o maior evento do mundo de multideficiência.

3. Get High

A Get High surge em 2004 no seguimento da evolução da escola de paraquedismo, Queda Livre, criada por Mário Pardo, um dos paraquedistas mais conceituados em Portugal. A Get High tem como principal objetivo valorizar cada indivíduo: para esta escola cada um de nós tem forças e capacidades que nos podem levar a ultrapassar aquilo que pensamos ser os nossos limites e que acabam por nos valorizar e dar mais forças para enfrentar os pequenos problemas do nosso quotidiano. Em 2012, ganhou uma Menção Honrosa de Categoria de Serviços, por parte do Turismo de Portugal, tendo o apoio deste em todas as atividades que proporciona aos seus praticantes.

A Get High está ainda ligada a outra empresa, também ela criada por Mário Pardo, que é a Skydive Europe que pretende aproximar esta modalidade do mercado europeu e dos turistas europeus e que tem dois centros em Portugal, um em Espinho e outro no Alentejo. Como referi no início, esta escola de paraquedismo tem como principal

objectivo valorizar o individuo, logo estas atividades são direcionadas para qualquer pessoa que queira realizar estes saltos, tenha algum tipo de deficiência ou não.

4. Go Outdoor

A Go Outdoor é uma empresa de animação turística que proporciona aos seus clientes uma experiência de aventura, junto da natureza e que dá a conhecer uma das áreas mais privilegiadas do país devido às Aldeias do Xisto presentes na área em que operam, o centro do país, mais especificamente a Serra da Lousã.

Eles apostam nas experiências com qualidade, ou seja, fazem visitas com grupos pequenos, para que todos os membros do grupo possam usufruir da experiência com o mesmo nível de qualidade. Para além de apostarem na qualidade das suas atividades, apostam também na formação especializada dos seus técnicos.

Para além destas atividades, realizam atividades adaptáveis a cada família com crianças e com idosos de forma a que toda a família possa realizar as mesmas e, além disso, também têm as suas atividades adaptadas à condição física dos participantes, havendo um nível mais fácil, que toda a gente pode realizar, e um mais complicado para quem se sentir capaz fisicamente.

5. Greenwalk

A Greenwalk é a primeira empresa de animação turística de Portugal especializada em geoturismo, pois é uma empresa direcionada para a natureza, história e cultura e é combinando estes três aspetos que criam os seus programas de atividades, proporcionando experiências completamente diferentes de quase todas as empresas de animação turística.

Como as restantes empresas até agora apresentadas, tem como objetivo agradar a cada um dos seus clientes, proporcionando uma experiência única a cada um deles. Ao mesmo tempo incutem aos participantes das suas atividades a importância de proteger e conservar o meio ambiente de forma a ser possível realizar estas atividades durante muito mais tempo, mas principalmente de forma a continuarmos a ter um país rico em recursos naturais dos quais nós podemos depender, enquanto forem utilizados de forma a minimizar os impactos ambientais que o ser humano e as suas ações vão tendo na natureza ao longo dos anos.

6. Pena Aventura

O Pena Aventura é uma das mais conceituadas empresas de animação turística e de aventura de Portugal. Está localizada em Ribeira de Pena, que fica no distrito de Vila Real. Tem uma grande importância no panorama nacional, primeiro porque possui um conjunto de atividades bastante diversificadas e que agradam a quase todo o tipo de turistas, mas também porque foi uma das empresas que melhor adaptou as suas atividades de forma a estas poderem ser realizadas por qualquer indivíduo, seja portador de deficiência ou não.

Tem um programa especialmente direcionado para as crianças, que por vezes têm receio de realizar as atividades que os adultos realizam ou porque ficam aborrecidas com muita facilidade; este programa apresenta atividades divertidas e que entusiasmas as crianças que as realizam. Tem também atividades direcionadas para os diferentes tipos de deficiência, intelectual, motora, visual e auditiva e garantem experiências com tanta adrenalina como nas outras atividades que oferecem. Apresentam ainda outro programa direcionado para os seniores que tem com principal objetivo manter os seniores ativos, mesmo que a experiência não seja de aventura.

Esta empresa é um dos bons exemplos de turismo ativo acessível a todos em Portugal, pois garante a segurança de todos os que realizam as suas atividades, mas acima disso fazem questão que estas atividades possam ser realizadas por todos os interessados, sejam eles ou não portadores de deficiência.

7. PSA – Portugal Surf Academia

A PSA é uma academia de surf portuguesa que foi criada em 2000, na Praia Grande, em Sintra. Foi fundada com o intuito de implementar em Portugal uma maneira diferente de ensinar surf, que em 2002 foi desenvolvida por um dos sócios e chama-se a metodologia dos 7, que consiste em aprender 7 manobras para atingir um nível avançado. Para além de darem aulas de surf, também formam professores de surf em parceria com a Federação Portuguesa de Surf e com isto tudo ainda sensibilizam os seus alunos para que estes respeitem o meio ambiente e as praias portuguesas.

Possuem equipamentos adequados a todo o tipo de deficiências e, em parceria com outras associações e outras empresas, realizam eventos em que os portadores de deficiência podem participar e surfar.

Em 2015, lançaram um livro que é como um guia para os surfistas perceberem melhor a metodologia dos 7, contando com a colaboração de grandes surfistas

portugueses e estrangeiros. Tudo isto de modo a facilitar a aprendizagem do surf e para atrair mais participantes para as suas aulas, sabendo que só oferecem atividades de excelência.

8. Ultra – Spirit

A Ultra – Spirit é uma empresa de animação turística que atua na área do Centro de Portugal. Esta empresa quer, através das atividades que oferece, mostrar que se pode ser ativo e fazer turismo, pois são duas áreas que se enquadram muito bem uma na outra. Oferecem uma grande diversidade de atividades, desde birdwatching, btt, geocaching, marcha, passeios de bicicleta, atividades que, para quem tem algum tipo de deficiência, principalmente motora, são difíceis de realizar.

Esta empresa centra-se muito nas caminhadas e no trekking e estas são as atividades mais complicadas de adaptar para quem tiver qualquer tipo de deficiência motora.

9. Tourism For All

Esta empresa de animação turística é também uma operadora turística, pois oferece as mais variadas atividades, e não só atividades de turismo ativo. Tem bastantes ofertas ligadas à cultura, mas todas as suas atividades estão associadas à acessibilidade. O objectivo desta empresa é realizar atividades para todos os turistas que sejam portadores de algum tipo de deficiência, para que estes sintam, por uma fração de tempo, de que estão em pé de igualdade com o resto da sociedade. As atividades desta empresa realizam-se na sua maioria em Lisboa, uma vez que a sua sede é em Lisboa e visto que, como esta é a capital de Portugal, atrai uma diversidade de turistas imensa e que estão interessados em conhecer melhor a cidade e esta empresa disponibiliza diferentes maneiras de o fazer.

10. Tobogã

A Tobogã é uma empresa de animação turística muito centrada no turismo ativo, tem sede em Valongo, no distrito do Porto, e foi criada em 2005. A especialidade desta empresa é o canyoning, embora tenham uma diversidade de atividades presente na sua oferta.

No entanto, também direcionam bastante a sua oferta para aquilo que é referido como a sua responsabilidade social, sendo que desenvolver atividades direcionadas especialmente para grupos com incapacidades, que normalmente vão através das IPSS e

em especial através das CERCI, que tentam proporcionar aos seus utentes um melhor ambiente de forma a, em caso de incapacidade temporária, ajudar alguns destes utentes a recuperar melhor e, em caso de incapacidade permanente, os ensinar que uma incapacidade não deve significar que têm de deixar de viver.

A Tobogã realiza as suas atividades, na sua maioria, no Minho e também no Parque Nacional de Peneda-Gerês, pois é uma empresa reconhecida pela sua prática de atividades junto da natureza e pelo respeito que demonstra pela mesma. Realiza também atividades no estrangeiro, designadamente em França, Suíça e Espanha.

11. Waterlily

A Waterlily é uma empresa de animação turística com sede no Grande Porto, onde tem também a sua área de atividade. Esta empresa é especialista em touring cultural e paisagístico e tem como missão “*promover a igualdade de oportunidades no e pelo acesso a atividades turísticas e de lazer*” (Waterlily).

Os seus roteiros são realizados de acordo com as necessidades de cada turista, ou seja, o roteiro é realizado em conjunto com o turista e com aquilo que pensa ser possível fazer, no entanto, também têm roteiros previamente estabelecidos que podem agradar aos turistas e podem adequar-se às suas necessidades. Tem como objetivo expandir as suas atividades a outros locais do Norte do país, podendo assim, alargando a sua lista de roteiros e mesmo em parceria com outras empresas, conseguir oferecer atividades não culturais.

Esta é uma das empresas que é reconhecida pela ENAT – European Network for Accessible Tourism – e também é reconhecida pelo Turismo de Portugal, como uma das empresas de referência em turismo acessível.

12. Travels Unlimited

A Travels Unlimited é uma empresa de animação turística que tem sede em Matosinhos e que oferece atividades que podem ser realizadas por qualquer pessoa que possua algum tipo de incapacidade. Na sua oferta tem atividades que agradam aos mais aventureiros e que agradam aos mais interessados pela cultura do local que estão a visitar. Oferecem, por um lado, visitas a museus, a monumentos religiosos, históricos e, por outro, oferecem visitas a parques naturais, atividades de lazer e parque aquático.

Tal com algumas das empresas anteriormente referidas, também faz roteiros específicos se o turista assim quiser, de modo a adaptar o roteiro ao turista e não ser o turista a adaptar-se a um roteiro preestabelecido, o que por vezes pode não transmitir o sentido de igualdade, mas que quando realizam o roteiro esse sentido de igualdade está presente, porque eles estão a realizar as atividades que tantos outros turistas também realizam

3. Parque Nacional da Peneda-Gerês

O Parque Nacional da Peneda-Gerês foi criado através do Decreto nº 187/71, de 8 de maio, com o intuito de efetuar a realização de um planeamento capaz de valorizar as atividades humanas e os recursos naturais, tendo em vista a concretização de finalidades educativas, turísticas e científicas. A acreditação como Parque Nacional foi, sem dúvida, uma mais-valia para o panorama turístico, pois tornou-se numa área mais conhecida que levou a um aumento da oferta, de forma a controlar os impactos que a procura poderia ter no parque.



Fonte: ICNF – Brochura PNPG

Figura 3. Castelo do Castro Laboreiro – Parque Nacional da Peneda-Gerês

No território do Parque Nacional da Peneda-Gerês, há um registo de ocupação humana que remonta aos tempos proto-históricos, foram encontrados vestígios megalíticos, célticos, romanos e medievais, o que demonstra que este sempre foi um espaço bastante rico em termos naturais e que levaram muitos humanos, em diferentes épocas, a ocuparem o espaço e a deixarem as suas marcas no mesmo. Os vestígios encontrados demonstram que por esta região passaram muitos e diferentes povos, comunidades agropastoris, povos construtores que deixaram a sua marca através de grandes monumentos como mamoas que ainda se podem encontrar no Planalto do Castro Laboreiro (figura 3), na Portela do Mezio ou nas chãs da Serra Amarela, que acabam por

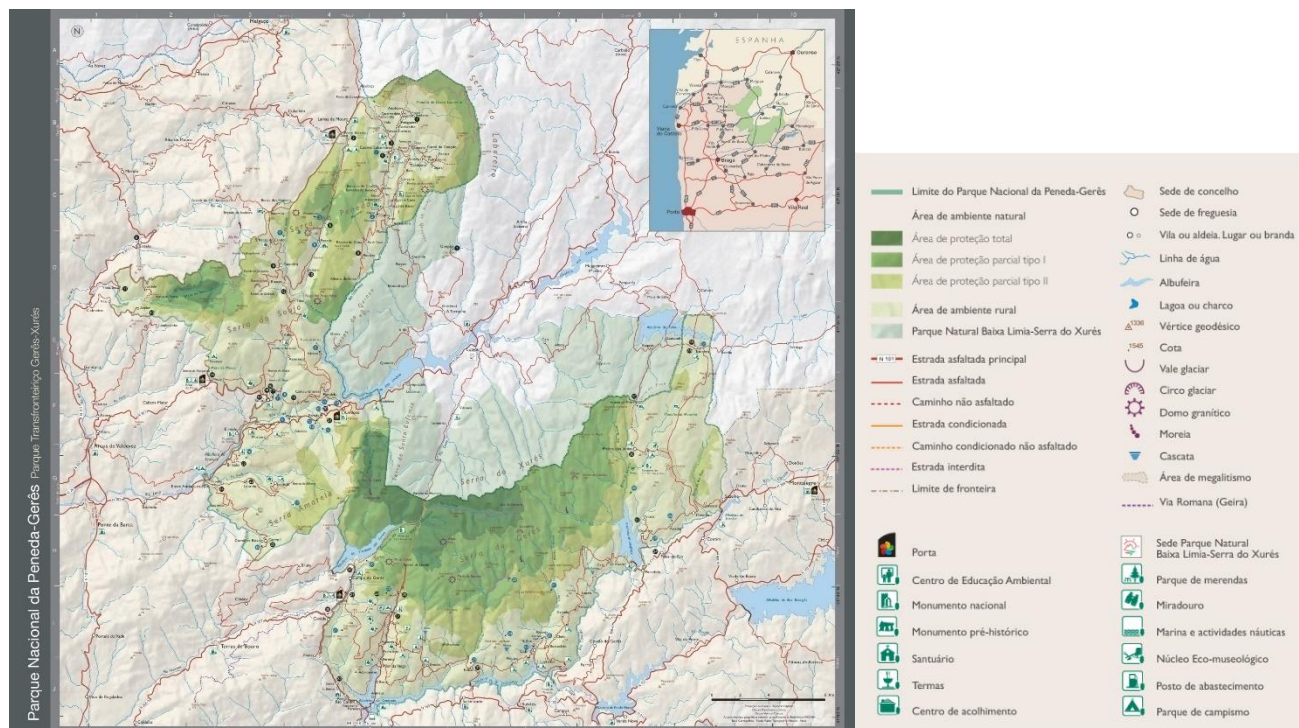
se tornar, nos dias de hoje, em espaços sagrados e fronteiras que se tornam posteriormente em espaços turísticos.

Atualmente, as comunidades humanas do Parque Nacional da Peneda-Gerês assemelham-se às características de qualquer região de montanha, características estas que lhe são atribuídas através de especificidades culturais que foram conferidas através da história de cada região, do isolamento e dos diversos e diferentes recursos locais.

“No fundo dos vales, o espaço agrícola retalhado, ora verdejante, ora acastanhado, reflete o ritmo das culturas ao longo do ano; subindo as encostas, surgem as bouças e matos que asseguram a lenha, bem como o pasto e o material para a cama do gado; nas zonas mais altas encontram-se as grandes extensões destinadas ao pastoreio extensivo.

Os núcleos populacionais surgem associados às áreas mais aplanadas, com boa exposição solar e próximos das linhas de água. Para além disso, as construções erguem-se sobre os afloramentos rochosos, libertando os solos mais férteis para a atividade agrícola.” ICNF, 2013.

3.1. Caracterização geográfica



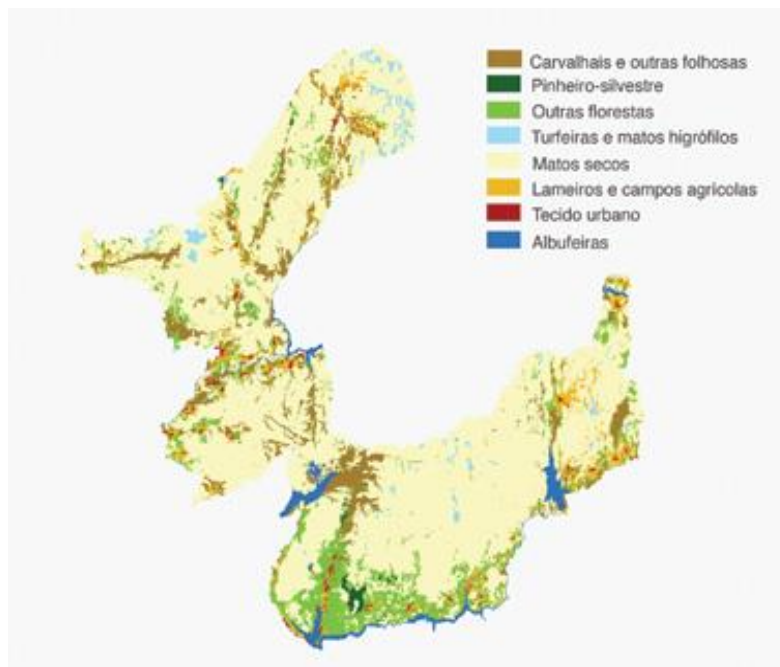
Fonte: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
Figura 4. Mapa do Parque Nacional da Peneda Gerês

“O Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG) possui um património natural notável, no qual se inclui o património abiótico. As rochas e a diversidade de formas que se observam a várias escalas de afloramento, no território do PNPG, constituem elementos da geodiversidade, representativos quer da variedade de processos geológicos quer da sua atuação ao longo do tempo. Este tipo de património, designado por património geológico, deve ser salvaguardado, tal como os restantes, para usufruto das gerações futuras. Neste contexto, o desenvolvimento de estratégias de geoconservação é crucial para sensibilizar a sociedade em geral, sobre a importância da geodiversidade e necessidade de proteção e conservação da integridade do património geológico.” (Fernandes, 2011).

O Parque Nacional da Peneda-Gerês situa-se no alto noroeste de Portugal e engloba territórios dos concelhos de Melgaço, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Terras de Bouro e Montalegre, que se situam nos distritos de Braga, Viana do Castelo e Vila Real e faz parte ainda da área de influência dos rios Minho, Lima, Cávado e Homem, como podemos confirmar com o mapa presente na figura 4. O Parque engloba as Serras do Gerês, Peneda, Soajo e Amarela, e chega a ultrapassar os 1500 metros. A região é essencialmente constituída por rochas graníticas, podendo ser apresentada a presença de xistos e depósitos sedimentares. O território do parque alberga cerca de 114 aldeamentos, onde residem permanentemente cerca de 10 000 habitantes, ocupando cerca de 69 693 hectares em que as principais atividades são a agricultura, a pastorícia e a pecuária. A população é maioritariamente envelhecida e do sexo feminino e, por consequência, tem sofrido um decréscimo populacional bastante acentuado nas últimas décadas.

Como referi anteriormente, o Parque Nacional da Peneda-Gerês localiza-se na região norte de Portugal e faz fronteira com a Galiza, formando assim uma paisagem contínua com o Parque Natural da Baixa Limia-Xurés, no município de Lórbios, em Espanha. A junção destes dois parques forma assim o Parque Transfronteiriço Gerês-Xurés, o qual foi criado em 1997, tendo como objetivo fomentar o estabelecimento de normas e medidas similares ou complementares para a defesa, preservação e conservação dos valores naturais de ambos os parques. Em 2009, o Parque Natural da Baixa Limia-Xurés é, juntamente com o Parque Nacional Peneda-Gerês, considerado pela UNESCO, Reserva Mundial da Biosfera, formando assim um dos mais importantes parques a nível Europeu e até mesmo mundial.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês é diverso não só nos tipos de turismo que pode apresentar e nos recursos que proporciona para a realização de atividades turísticas, mas também diverso no que diz respeito à sua fauna e flora.



Fonte: ICNF – Brochura PNPg

Figura 5. Distribuição da flora no PNPg

Em relação à flora (figura 5.), as serras do Gerês, Amarela, Peneda e Soajo juntamente com os planaltos da Mourela e Castro Laboreiro, são predominantemente ocupados por carvalhais, formações arbustivas, lameiros e vegetação ripícola ou ribeirinha. Os carvalhais têm uma grande expressão, ocupam parte dos vales dos rios Ramiscal, Peneda, Gerês e Beredo. Nesta área, predomina o carvalho-negral e o carvalho-alvarinho. As formações arbustivas que dominam são os tojais, urzais, matos de altitude com a predominância de zimbro-rasteiro e por matos higrófilos. Os lameiros são prados seminaturais que apresentam uma composição que varia consoante o teor da humidade no solo. A vegetação ripícola ou ribeirinha merece destaque pelo papel importante que assume na estabilização das margens dos cursos de água.

Relativamente à fauna, existe um conjunto de espécies naturais que suportam uma fauna diversificada e que proporcionam uma grande produtividade primária e permitem a manutenção de variadas espécies. O parque possui animais desde a categoria dos invertebrados até aos mamíferos, onde podemos encontrar o emblema do parque. No que diz respeito aos invertebrados, até agora, foram descobertas cerca de 235 espécies, destas

204 estão abrangidas a nível nacional e internacional e protegidas por legislação específica. No que diz respeito às aves, até agora, foram identificadas 147 espécies, no entanto, dependendo da altura do ano, este número pode-se alterar devido ao facto de algumas destas aves serem migratórias, logo não se encontram no parque durante todas as estações. Por último, falando dos mamíferos, podemos encontrar diversas espécies, como é o caso do esquilo-vermelho, que há uns anos ainda não se tinha ouvido falar em Portugal da sua existência. Temos ainda uma grande incidência do corço, pois no parque podemos encontrar diversos núcleos populacionais muito bem constituídos e para além disso o corço tornou-se no símbolo do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês, como podemos comprovar, é realmente bastante rico no que diz respeito ao seu património natural e pode oferecer as melhores condições para a prática de turismo de natureza, turismo ativo e turismo de aventura, claro que tendo sempre em conta a melhor maneira de o fazer, sem danificar este referido património natural.

As principais atividades económicas da área do Parque Nacional da Peneda Gerês sempre passaram pela agricultura, a pastorícia e a pecuária, mesmo porque o terreno é bastante propício para este tipo de atividades. No entanto, com o passar dos anos e com a ocupação humana do território a subir também, podemos concluir que o sector secundário e terciário tem vindo a empregar cada vez mais pessoas.

	VAB			Emprego total
	milhões de euros			milhares de pessoas
	2011	2012 Pe	2013 Pe	2011
Portugal	154 242,771	148 561,242	150 464,746	4 776,728
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	3 208,694	3 272,814	3 449,410	527,892
Indústrias extrativas; indústrias transformadoras; produção e distribuição de eletricidade, gás, vapor e ar frio; captação, tratamento e distribuição de água; saneamento, gestão de resíduos e despoluição; construção	34 052,115	32 103,838	31 679,190	1 172,585
Serviços	116 981,962	113 184,590	115 336,146	3 076,251
Norte	43 766,717	42 208,303	42 767,212	1 618,419
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	686,021	672,184	715,682	207,712
Indústrias extrativas; indústrias transformadoras; produção e distribuição de eletricidade, gás, vapor e ar frio; captação, tratamento e distribuição de água; saneamento, gestão de resíduos e despoluição; construção	13 325,317	12 629,456	12 560,675	544,106
Serviços	29 755,379	28 906,663	29 490,855	866,600
Minho-Lima	2 582,498	2 506,416	2 556,165	92,437
Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	55,387	52,323	53,866	11,151
Indústrias extrativas; indústrias transformadoras; produção e distribuição de eletricidade, gás, vapor e ar frio; captação, tratamento e distribuição de água; saneamento, gestão de resíduos e despoluição; construção	831,431	804,536	818,737	30,709
Serviços	1 695,680	1 649,557	1 683,562	50,577

Fonte: www.ine.pt

Figura 6. Atividades económicas por sector em Portugal, no Norte e Minho-Lima

Como podemos ver na figura 6, o sector que emprega mais pessoas em Portugal é o sector terciário, com um total de 3 076 251 pessoas empregadas com atividade neste sector, sendo que destas o Norte representa 866 600 pessoas empregadas só no sector terciário e, por fim, temos o Minho que representa 50 577 pessoas empregadas no sector terciário. O sector secundário ainda tem alguma expressão, empregando um total de 1 172 585 pessoas; o Norte, registava 544 106 pessoas com atividade neste sector, e no Minho, 30 709 pessoas desenvolviam atividade neste sector.

Ainda assim, o sector primário, ou seja, ligado a atividades como agricultura, pecuária e pastorícia, entre outros, ainda apresenta alguma atividade, mas, comparativamente aos outros dois sectores, tem uma expressão muito menor e que tem estado estagnado nos últimos anos.

3.2. Plano de Ordenamento

“A paisagem constitui um recurso e um património comum em permanente mudança, por consequência dos vários processos de transformação a que está sujeita. A sua dimensão multi-temporal implica um sentido de responsabilidade sobre a forma como é transformada, através do conjunto das intervenções humanas e, em particular, pelas atuações implicadas pelos organismos públicos. Assim, entende-se que a avaliação da qualidade da paisagem deve apoiar o processo de gestão territorial, encorajando os seus múltiplos intervenientes a salvaguardar o seu carácter e a contribuir para a criação de novas paisagens” (DIAS, 2014).

“Os planos de ordenamento são o principal instrumento de gestão de uma área protegida. Identificam as áreas prioritárias para a conservação da natureza e estabelecem os diferentes níveis de proteção a que cada uma está sujeita.” ICNF, 2013.

O plano de ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês tem a natureza de regulamento administrativo e nele estão conformados os planos municipais e intermunicipais de ordenamento do território, bem como os programas e projetos de iniciativa pública ou privada a realizar no PNPG. O plano de ordenamento de uma área classificada é o aspeto mais importante que uma área pode ter, pois vai proteger e preservar os recursos naturais que estas áreas nos oferecem, e quanto mais preservados os recursos forem, melhor vai ser a adesão de mais empreendimentos turísticos, que respeitando o plano de ordenamento podem usufruir da melhor maneira do espaço e proporcionar as melhores experiências possíveis.

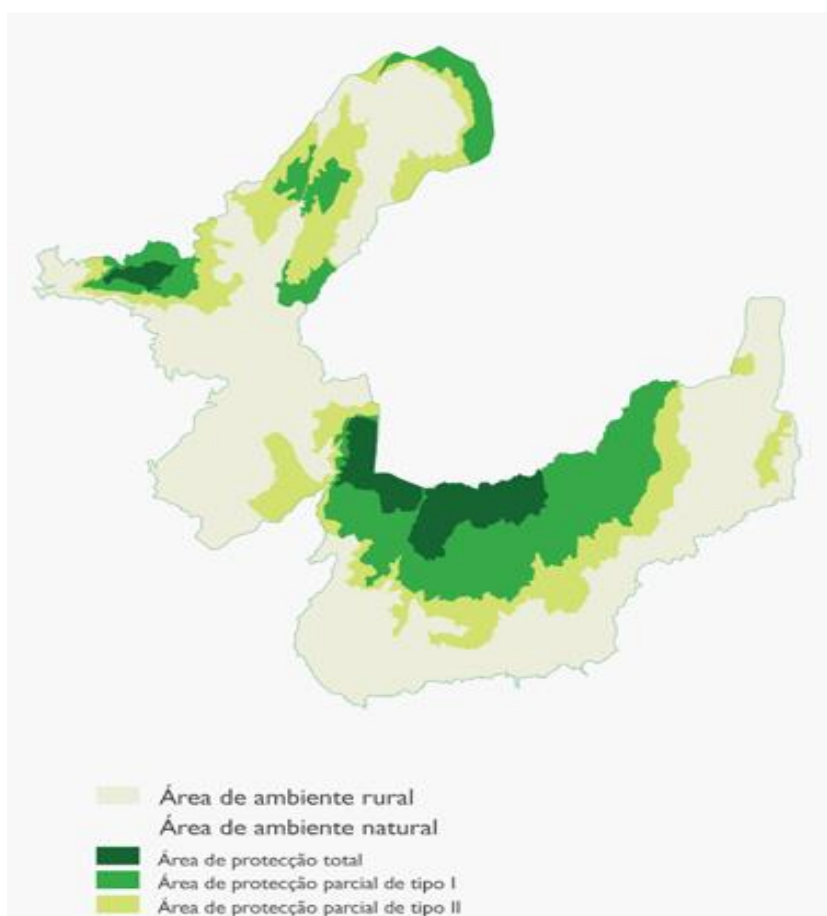
Os planos de ordenamento são um documento importante para qualquer empresa que seja responsável pela gerência dos parques ou áreas naturais protegidas, pois permite estabelecer um ponto de partida para conseguir uma boa conservação destes locais. O plano de ordenamento do Parque Nacional da Peneda-Gerês tem em vista a garantia da integridade dos ecossistemas, a preservação dos habitats da flora e fauna existentes na área do PNPG e, por fim, a caracterização e conservação das paisagens naturais e seminaturais e dos restantes componentes biológicos da mesma.

O plano apresenta ainda como objetivos gerais, a preservação dos processos ecológicos, da biodiversidade e geodiversidade, a conservação do património cultural material e imaterial, a garantia da proteção dos valores paisagísticos e cénicos, a promoção da proteção dos recursos tendo em vista o desenvolvimento e ainda *“Ordenar*

e promover um regime de visitação sustentável com vista   sensibilização e mobilização da sociedade para a conservação do património natural e cultural presente.” Consta do Plano de Ordenamento do Parque Nacional da Peneda – Gerês (2009)

Sendo o único com estatuto de parque nacional em Portugal,   de grande importância a preservação do PNPG e dos seus recursos naturais, pois algumas das espécies são só no PNPG e em áreas que têm pouca presenç a humana. Logo, estas espécies têm também de ser protegidas e este plano de ordenamento tem também em conta esta questão e com a sua revisão, iniciada em 2008, foi dado mais enf se a este aspeto, de modo a garantir que a presenç a humana nas referidas áreas continua a ser nula ou quase nula.

Então, para definir os locais onde pode ou não haver intervenção humana, o plano de ordenamento divide a área do parque em 2 áreas prioritárias, isto é, a área de ambiente rural, que se divide em 2 áreas complementares I e II, e a área de ambiente natural, que se divide em 3 tipos, a área de proteção total e a área de proteção parcial tipo I e II como podemos ver na figura 7.



Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas – Brochura PNPG

Figura 7. Planta de ordenamento do PNPG

A área de ambiente rural é onde se realizam a maior parte das atividades humanas, ou seja, onde se realizam as atividades de turismo ativo anteriormente referidas e onde estão localizadas as empresas de animação turística, os estabelecimentos hoteleiros, de turismo rural entre muitas outras atividades. Divide-se em duas áreas complementares, pois no plano de ordenamento estão discriminadas quais as atividades que podem ser feitas e em qual das áreas complementares a realização desta atividade vai prejudicar menos o meio ambiente.

A área de ambiente natural é onde a presença humana é reduzida ou nula devido aos ecossistemas presentes nestas áreas. Nestas áreas é onde a proteção está mais elevada daí estas terem que ser divididas em 3 áreas de proteção, de modo a garantir que, nas áreas de total proteção, a presença humana é nula e que, nas áreas de proteção parcial I e II, a presença humana seja reduzida.

Em síntese, o plano de ordenamento visa identificar as atividades que se podem realizar no PNPG, as atividades que estão interditas e as que estão condicionadas, e como tal existem áreas que estão completamente interditas ao turista, outras que só tem acesso em alguns locais e outras que não constituem perigo nem para o meio ambiente nem para quem o frequenta.

Podemos referir, então, algumas das atividades que são permitidas realizar no PNPG, mesmo que só possam ser realizadas em determinadas áreas, a saber:

- Agricultura e pastorícia;
- Atividade cinegética;
- Floresta;
- Pesca;
- Edificações e infraestruturas;
- Atividades desportivas e recreativas;
- Atividade apícola;
- Produtos silvestres, cogumelos e aromáticas;
- Investigação científica e monitorização;
- Pesquisa e exploração de recursos geológicos.

Estas atividades podem-se realizar de acordo com objetivos de proteção da natureza e da correta gestão dos recursos naturais, e, como podemos ver, as atividades de animação turística e de turismo também são permitidas no PNPG, estando incluídas nas atividades desportivas e recreativas. Em síntese, este plano tem como principal objetivo regular as atividades que são realizadas no parque e nunca proibir o usufruto da área do

parque, apenas garantir que esta é utilizada da melhor maneira e respeitando sempre todos os ecossistemas já presentes no parque e que que lhe conferem o grande estatuto que adquiriu e que tem conseguido manter durante todos estes anos.

3.3. Lazerres turísticos : do Minho ao PNPG

“Em Portugal, o ambiente tornou-se um valor incontornável nas estratégias turísticas. A associação dos produtos turísticos ao território está a transformar o espaço turístico em espaços de preservação ambiental e de patrimonialização dos recursos existentes. O Turismo de Saúde e Bem-estar e as Atividades de aventura, normalmente relacionadas com públicos muito diferenciados, surgem hoje nas mesmas esferas de atuação.” (Santos, Cravidão, e Cunha, 2010)

Como refere o excerto anterior, Portugal é um país com uma rede de recursos naturais bastante vasta e o turismo de natureza é um sector que tem vindo a ganhar cada vez mais importância. Como seria de esperar de uma área diversa como é o Minho, não temos só a presença de turismo de natureza e conseguimos encontrar a mais diversa oferta de lazeres turísticos, a saber:

- **Turismo Cultural:** é um dos tipos de turismo com maior relevância, também porque foi um dos primeiros tipos de turismo e um dos que mais visitantes atraem. Exemplos: animação noturna, cinemas, teatro, exposições, museus, galerias de arte e todo o património que podemos encontrar, principalmente o que se encontra ligado à história do nosso país, como é o caso do castelo de Guimarães, o centro histórico de Guimarães que foi classificado como Património Mundial pela UNESCO em 2001, sendo estes os mais conhecidos, mas existe uma maior variedade de monumentos que não recebem tantos visitantes, em alguns casos mesmo por falta de conservação.
- **Turismo Religioso:** tal como o turismo cultural, o turismo religioso é um dos mais ricos em recursos, pois, um pouco por todo o Minho, podemos encontrar a mais vasta lista de património religioso mas que, tal como no turismo cultural, em alguns casos carece da conservação necessária, mesmo para a segurança dos visitantes. Exemplos: “Rotas Marianas”, Bom Jesus de Braga, a Sé de Braga.
- **Turismo de Natureza:** o Minho, como já referi, é muito rico em recursos naturais e é então propício à realização de atividades em contacto com a natureza e neste particular não falamos só do Gerês, que é onde muitas das empresas de animação turística têm sede, mas também de outros locais com potencial para a realização de atividades de natureza, só que não tem a mesma projeção que o Gerês. Exemplos: caminhadas, trekking, percorrer trilhos.

- **Turismo Saúde e Bem-estar:** hoje em dia, o culto do corpo é cada vez mais importante e o Minho é um importante local em Portugal para a realização do mesmo. O Norte e o Centro de Portugal são os locais mais privilegiados no que diz respeito a turismo de saúde e bem-estar comparado com o resto do país que não possui tantas instalações. Exemplos: Termas de Monção, Caldas da Saúde, Termas do Gerês, Caldas das Taipas.
- **Turismo Balnear:** o turismo balnear é um dos mais importantes e que tem mais importância no desenvolvimento do turismo português, pois é muito devido às nossas praias que os turistas procuram o nosso país. No entanto, devido à crescente procura, os outros tipos de turismo e o seu desenvolvimento ficam um pouco no esquecimento. Contudo, a meu ver, este pensamento está a mudar, pois as praias que eram normalmente procuradas pela maioria dos turistas deixam de ter tanta afluência e começam a ser procuradas as fluviais, as albufeiras que acabam por ter, por vezes, melhores condições do que outras praias mais no litoral. O Minho possui os dois exemplos: Praia de Moledo, Praia do Cabedelo, Praia do Paçô, Praia Fluvial do Faial, Praia Fluvial Albufeira da Caniçada, Praia Fluvial do Vez. De referir que as três primeiras praias possuem bandeira azul.
- **Turismo Sénior:** o turismo sénior passa pela realização de atividades direcionadas para turistas com idade igual ou superior a 60 anos e visa a realização de atividades que sejam mais indicadas para turistas com alguns entraves físicos que não lhes permitem realizar o que planeado para as outras idades. Exemplos: Visiminho que está ligado ao turismo rural criou uma atividade chamada: “Turismo Sénior Ativo” que visa promover o turismo rural e fazer com que os seniores tenham possibilidade de usufruir do turismo.
- **Turismo Rural:** é uma das grandes apostas no Minho, pois esta região de Portugal apresenta condições perfeitas para realizar este tipo de turismo, aproveitando os recursos já existentes. Este realiza-se um pouco por todo o Minho, mas tem mais incidência em áreas do interior, pois, devido ao facto de haver um movimento migratório do interior para o litoral ou para as grandes cidades, existem muitas habitações que sendo restauradas são perfeitas para a prática de turismo rural. Exemplos: Vila Nova de Cerveira, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês tem uma grande importância no desenvolvimento do turismo rural, pois muitas vezes este é procurado por se encontrar perto do parque e também porque o parque possui algumas das características que tornam um local num destino de turismo rural de referência.

O Parque Nacional da Peneda-Gerês oferece uma variedade de lazeres turísticos. Muitos deles estão ligados à natureza devido, principalmente, às características naturais que o parque possui, no entanto, outros segmentos turísticos têm vindo a desenvolver-se no parque, pois a procura de experiências diferentes aumenta e a oferta tem vindo a crescer também.

- **Turismo de Natureza:** o PNPG, tal como o Minho, tem no turismo de natureza a sua maior fonte de oferta turística, mesmo tendo outros recursos igualmente importantes. As empresas têm aumentado a sua oferta, até porque estatisticamente a procura também aumentou, sendo que a oferta por vezes podia não ser suficiente, mas os empreendimentos turísticos têm aumentado não só nesta área. Exemplos: Geresmont; Nomadplanet; Nature4.
- **Turismo Ativo:** o turismo ativo é uma vertente do turismo que combina turismo de natureza com turismo de aventura, sendo assim um sector do turismo que atinge um público-alvo bem mais abrangente, ou seja, atinge um público-alvo que goste de combinar aventura com o ar livre, com a natureza e o Gerês é um dos melhores locais para realizar atividades de turismo ativo. Exemplos: trekking, trekking aquático, canoagem, canyoning;
- **Turismo Religioso:** é um tipo de turismo que atrai centenas de pessoas ao PNPG devido à presença dos seus santuários e monumentos. Para além de serem monumentos de uma beleza religiosa para muitas pessoas, são monumentos também históricos que representam a evolução da arquitetura, a evolução da religião. Exemplos: São Bento da Porta Aberta, Senhora da Abadia.
- **Turismo Saúde e Bem-estar:** é um tipo de turismo muito importante no parque devido à qualidade das águas do Gerês, que são indicadas para o tratamento de problemas de saúde. No entanto, no que diz respeito ao bem-estar, também tem evoluído e a criação de spas tem sido cada vez mais frequente e, por vezes, até aparecem ligadas a unidades hoteleiras já existentes que decidiram apostar no bem-estar dos seus hóspedes para que estes possam usufruir da experiência a todos os níveis. Exemplos: Termas do Gerês.

- **Turismo Náutico:** através da Marina de Rio Caldo, que juntamente com a Albufeira da Caniçada oferecem aos turistas espaços para a realização de desportos alternativos aos que se podem realizar na terra, e que atrai um público-alvo que tem preferência pelas atividades náuticas.
- **Turismo Rural:** as habitações de turismo rural encaixam-se na perfeição na paisagem do PNPG de tal maneira que este sector do turismo tem sido cada vez mais acentuado, sendo que muitos empreendedores aproveitam para restaurar habitações já existentes de forma a preservar o património edificado e rentabilizar as infraestruturas que já estão integradas na paisagem.
- **Museologia:** nos concelhos na área do parque existe também muita história, muitas tradições, bem como diversos museus para contar estas histórias e levar os turistas numa viagem ao passado e, em algumas situações, saboreá-lo, como é o caso do museu etnográfico de Vilarinho da furna ou do ecomuseu do Barroso.

3.4. Procura e oferta turística

3.4.1. Hóspedes e visitantes

O turismo tem um grande significado na economia portuguesa e representa uma das maiores fontes de rendimentos, sendo que os turistas que entram em Portugal contribuem para que, todos os anos, novos empreendimentos turísticos iniciem a sua atividade no nosso país, quer promovidos por entidades portuguesas, mas outros tantos são promovidos por entidades estrangeiras que veem no nosso país um destino turístico de eleição que atrai um número crescente de turistas.

A área geográfica do Parque Nacional da Peneda-Gerês não é exceção, ou seja, a economia dos concelhos em que o parque está inserido é influenciada pelos turistas que visitam o parque, mas não só os concelhos onde o parque está inserido, mas também toda a área envolvente.

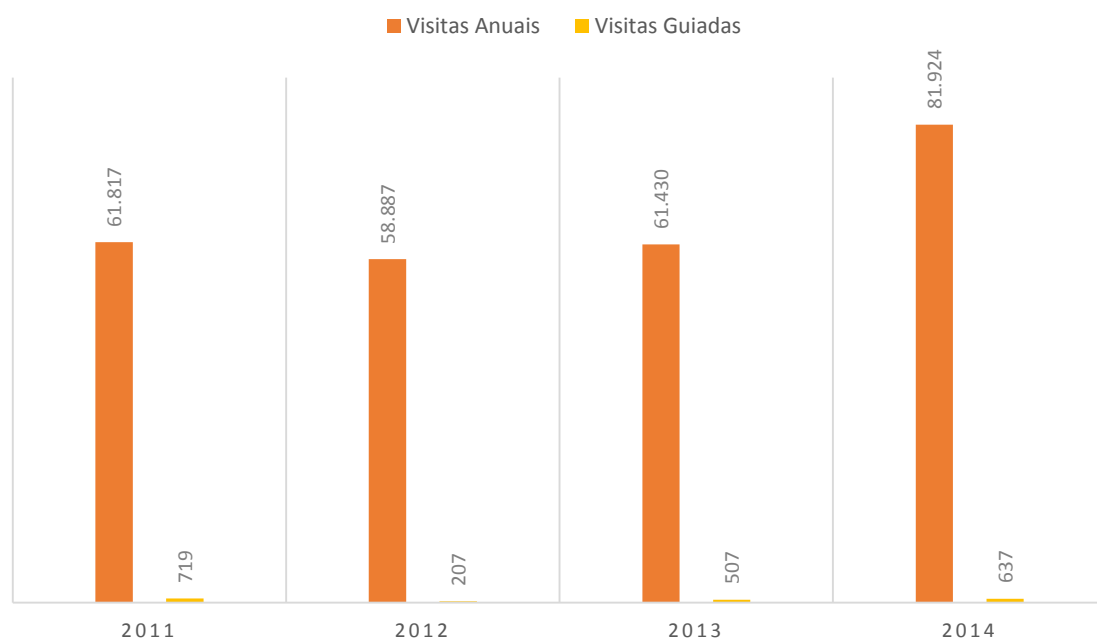
Área	Total
Portugal	43 533 151
Continente	36 214 676
Norte	2 996 737
Alto Trás-os-Montes	186 863
Cávado	279 173
Minho-Lima	184 752
Arcos de Valdevez	9 993
Melgaço	10 900
Montalegre	8 800
Ponte da Barca	1 944
Terras de Bouros	30 986

Fonte: Anuário Estatístico Região Norte
Figura 8. Hóspedes por concelho do PNPG

Como podemos ver na figura 8, para a dimensão que cada um dos concelhos tem, todos eles têm uma afluência turística razoável, tendo em conta que apenas estamos a avaliar os turistas que ficam alojados nos concelhos. Mas, analisando de um ponto de

vista não tão específico, podemos assegurar que muitos dos turistas que visitam o PNPG nem sempre ficam alojados perto do parque, aproveitando os centros urbanos mais próximos, como é o caso de Braga ou Viana do Castelo.

No entanto, o parque é um dos melhores locais para a realização de determinados tipos de turismo, turismo em espaço rural, turismo de natureza, turismo ativo e estes são também os grandes responsáveis pelo sucesso económico que é o parque, principalmente para os empreendimentos privados. O parque tem o seu próprio valor que advém dos seus recursos naturais que têm sido tão bem preservados por todos os que os utilizam e que fazem com que o turismo seja uma parte tão importante na economia dos concelhos e dos empreendimentos turísticos que funcionam na sua área.



Fonte: Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
Figura 9. Visitas ao PNPG entre 2011 e 2014 e Visitas Guiadas entre 2011 e 2014

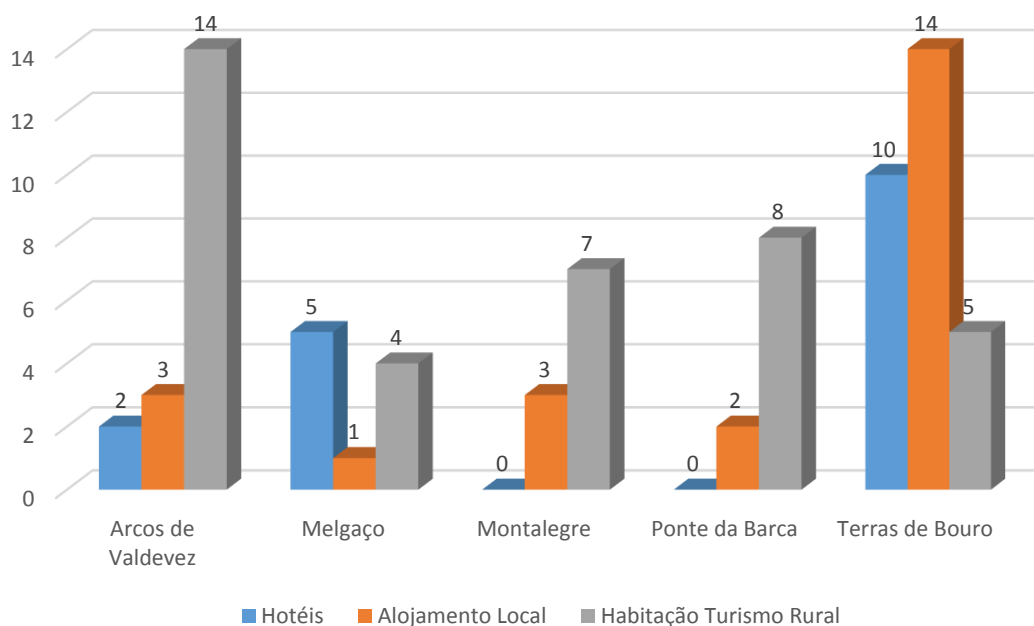
Como podemos ver na figura 9, o Parque Nacional da Peneda-Gerês tem uma grande afluência de visitantes durante o ano; vemos também que o número de visitantes tem-se mantido ou aumentado, sendo que de 2011 a 2014 registou-se um aumento de cerca de 20 000 visitantes.

Estes são os números oficiais fornecidos pela gestão do parque, sendo que estão incluídos todos os visitantes que passaram pelas portas do parque, no entanto, comparando com o número de visitantes que realizou a visita guiada oficial, os números descem bastante.

Como é possível identificar na figura 9, em 2011, comparativamente aos 61,817, somente 719 visitas guiadas foram realizadas e, nos anos seguintes, este número não subiu, pelo contrário, desceu e não voltou a ultrapassar a barreira das 700 visitas, registando, em 2012, o número mais baixo, com 207 visitas guiadas. Nos anos de 2013 e 2014 é registada uma subida no número de visitas guiadas com 507 e 637 visitas, respetivamente.

Enquanto a visita do parque se direciona mais para quem quer conhecer o parque, a visita da maior parte das empresas de animação turística direciona-se para aqueles que querem conhecer o parque e, ao mesmo tempo, realizar atividades em contacto com o meio ambiente que os rodeia. Logo, o número de visitantes que usufrui das visitas guiadas fornecidas pelo parque não é tão elevado porque não tem tanta diversidade. Não existe nenhum plano por parte da gestão do parque que mostre que estes números irão sofrer uma alteração positiva.

3.4.2. Alojamento



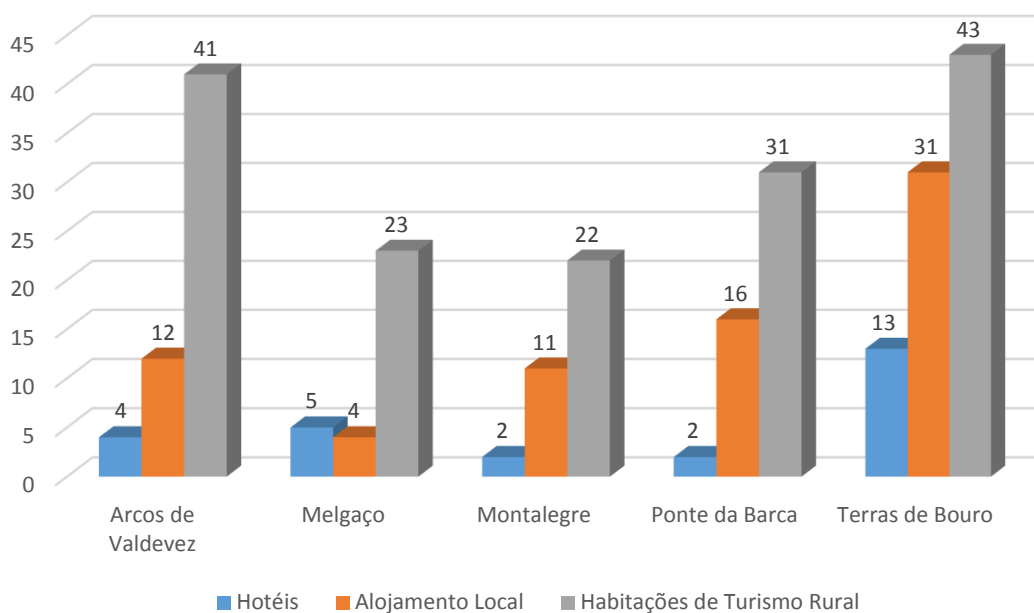
Fonte: ine.pt

Figura 10. Oferta do Alojamento na área geográfica do PNPG, 2014 segundo INE

Como podemos ver na figura 10, segundo o INE existem alguns estabelecimentos, como hotéis, alojamentos locais e habitações de turismo rural e, de acordo com estas estatísticas, em todos os concelhos existem unidades de alojamento local e de turismo rural, no entanto, nem todos os concelhos têm a presença de unidades hoteleiras, como é o caso de Montalegre e de Ponte da Barca.

Podemos verificar na figura 10 que a maior aposta, no que diz respeito ao alojamento, são as habitações de turismo rural, embora com assimetrias locais no que diz respeito à sua distribuição geográfica. Arcos de Valdevez é o que tem o maior número de habitações de turismo rural, 14, seguido por Ponte da Barca e Montalegre com 8 e 7 habitações de turismo rural, respetivamente. Por fim, temos Terras de Bouro com 5 habitações de turismo rural e Melgaço com 4.

No entanto, ligando estes dados que foram retirados do anuário estatístico da região norte (2014) aos dados das câmaras municipais de cada concelho, encontramos uma disparidade muito grande em relação a alguns dos dados e uma disparidade menor relativamente a outros como será possível verificar na figura 11, a oferta no alojamento é muito mais elevada, principalmente no que diz respeito a habitações de turismo rural.



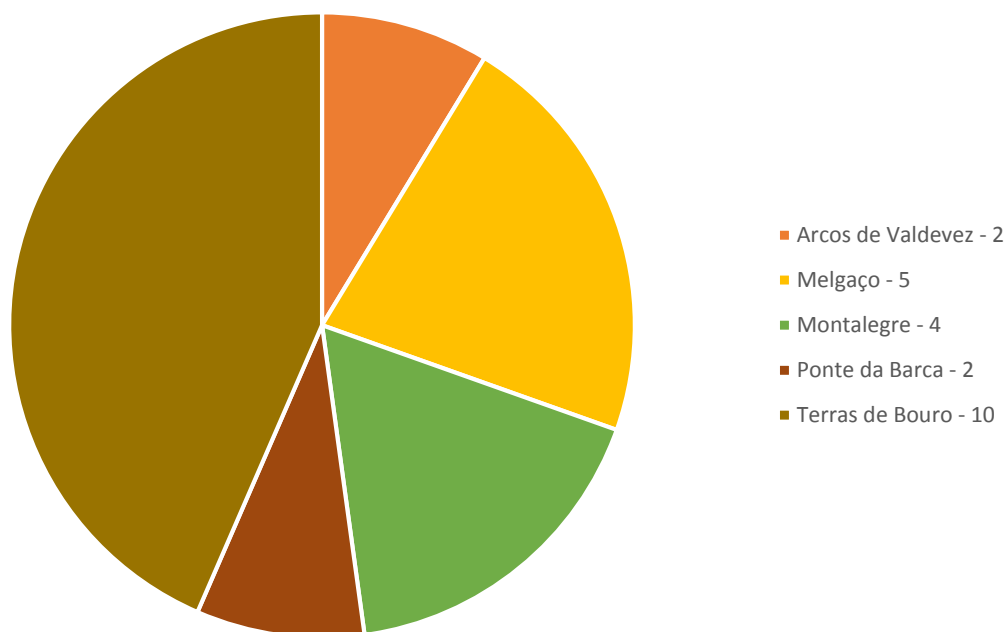
Fonte: Câmaras municipais dos concelhos da área do PNPG
 Figura 11. Oferta de alojamento na área geográfica do PNPG, 2015 de acordo com as Câmaras Municipais

De acordo com a figura 11, a oferta sobretudo ao nível das habitações de turismo rural diverge bastante pois o máximo de habitações de turismo rural num dos concelhos, segundo a figura 10, são 14 habitações, neste caso em Arcos de Valdevez, sendo que, segundo a figura 11 este concelho conta com 41 habitações de turismo rural, aumentando quase para o triplo. Relativamente a Melgaço, podemos verificar que na figura 10 estavam registadas apenas 4 das 23 que estão identificadas na figura 10. O mesmo acontece com Montalegre que na figura 10 tem apenas 7 habitações de turismo rural, quando na segunda figura tem 22. Em Ponte da Barca, registamos uma diferença também significativa, pois, segundo o INE, tem 8 habitações de turismo rural e, segundo a câmara municipal, tem 31. Por fim, temos Terras de Bouro que regista a maior disparidade, tendo passado de 5 habitações de turismo rural para 43.

No entanto, tanto uma figura como outra demonstram, como já referi, uma grande aposta nas habitações de turismo rural, e estas são as que têm mais difícil acesso. No entanto, algumas das habitações possuem espaços adaptados para pessoas incapacitadas, como é o caso das casas de banho, das entradas e das informações, de modo também a alargar o seu público-alvo. Para além das habitações de turismo rural, temos os hotéis e os alojamentos locais. Os hotéis têm uma maior centralidade e, conseqüentemente,

também uma melhor acessibilidade, o que faz com que os turistas com incapacidades tenham tendência em dirigir-se a estes estabelecimentos em primeiro lugar, de modo a assegurar a sua comodidade. No entanto, os parques de campismo ligados ao turismo ativo e à natureza são também uma grande aposta dos turistas incapacitados, mas tal como as habitações de turismo rural, nem todos têm boas acessibilidades para os turistas incapacitados.

3.4.3. Empresas e atividades de animação turística



Fonte: Turismo de Portugal – Registo Nacional de Turismo
Figura 12. Empresas de Animação Turística na área do PNPG, em 2015

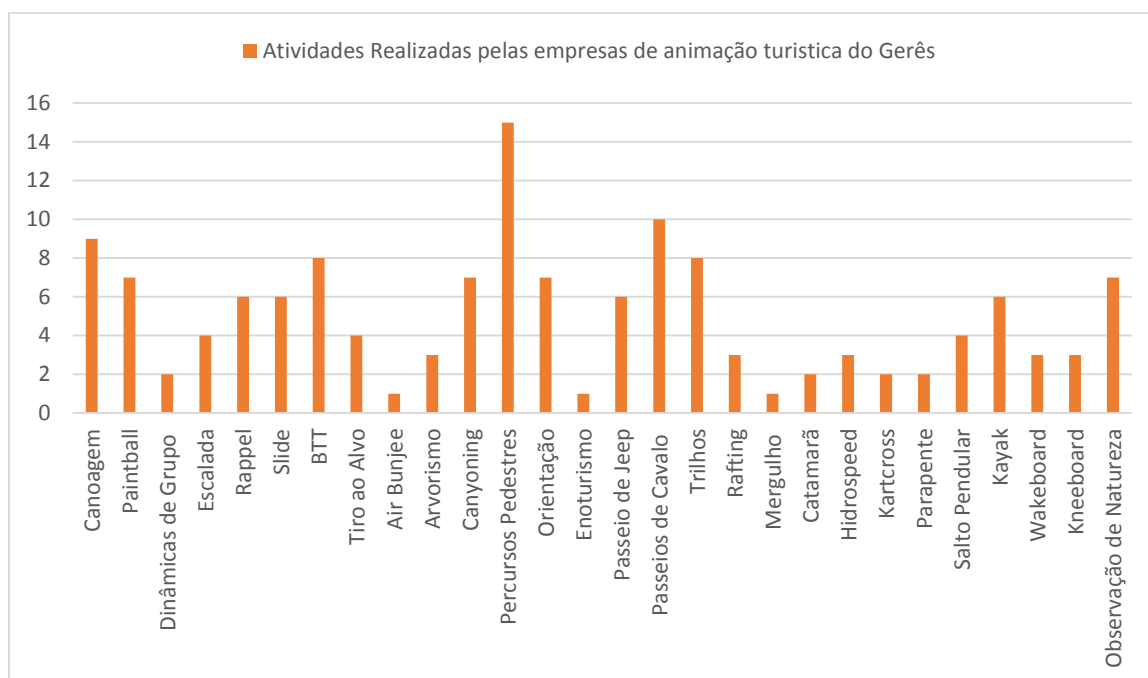
Com base no Registo Nacional de Turismo, existem 23 empresas de animação turística com sede nos concelhos da área do Parque Nacional da Peneda-Gerês. Arcos de Valdevez conta com duas empresas, representando assim um total de 9% das empresas presentes no PNPG. Melgaço tem cinco empresas, o que representa um total de 22% das empresas presentes no parque. Em Montalegre, contamos com quatro empresas, ou seja, 17% do total de empresas com sede no parque. Ponte da Barca conta também com duas empresas (9%). Por fim, em Terras de Bouro, temos o maior número de empresas de animação turística, estando assim registadas dez empresas com sede na sua área, representando assim um total de 43% de empresas presentes no PNPG.

No entanto, a maior parte das empresas só foram criadas a partir de 2010, sendo que das 23 que estão registadas apenas 5 tem a sua criação registada antes de 2010. E foi a partir de 2010 que o número de visitas começou a subir, ou seja, quando a oferta começou a subir o número de visitantes também começou a subir.

De referir que existem mais duas empresas de animação turística presentes no Gerês, ou seja, com sede no Gerês, mais concretamente em Terras de Bouro, mas que não estão referenciadas no RNT e também não possuem oferta a nível de turismo ativo

acessível, continuando a haver esta falha, mesmo havendo um número bastante elevado de empresas que tem atividades de turismo ativo com sede no parque.

Das 23 empresas de animação turística apresentadas na figura 12, todas têm a sua atividade ligada ao turismo de natureza, mas destas 23, 15 têm as suas atividades centradas no turismo ativo, sendo que realizam atividades de aventura mas sempre em contacto com a natureza.



Fonte: Sites das empresas de animação turística do Gerês

Figura 13. Atividades realizadas pelas empresas de animação turística do Gerês

As empresas de animação turística têm vindo a desenvolver a sua oferta e essa é cada vez mais diversificada e com a pesquisa consegui perceber que, mesmo sendo diversificada, a oferta acaba por ser comum a muitas das empresas, mas outras empresas têm ofertas que não são tão comuns e que acabam por complementar em relação às outras que têm uma oferta diversificada mas mais generalizada.

Como podemos ver na figura 13, as atividades que as empresas oferecem passam por canoagem, atividade que é oferecida por 12 empresas presentes, seguido pelo paintball que é oferecido por 7 empresas, as dinâmicas de grupo são oferecidas por apenas 2 empresas, a escalada está presente na oferta de 4 empresas, o rappel é oferecido por 6 empresas, o slide tal como o rappel também é oferecido por 6 empresas. Temos de seguida o BTT e os trilhos que são oferecidos por 8 empresas, formando duas das atividades com

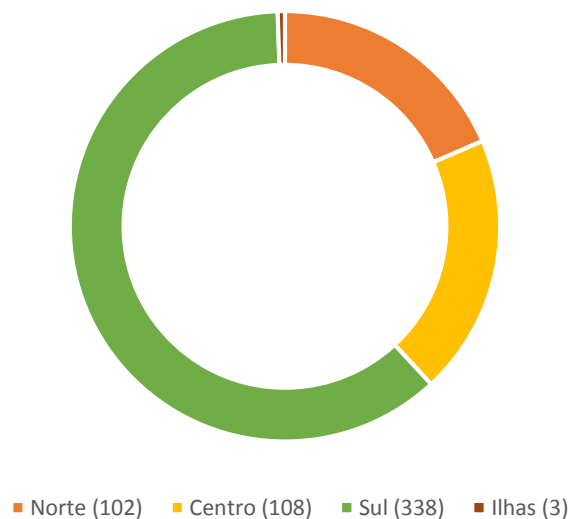
maior oferta no PNPG. O tiro ao alvo é oferecido por 4 empresas e tal como o tiro ao alvo, o salto pendular também é oferecido por 4 empresas e desde 2013 que este número aumentou, sendo que o seu investimento tem compensando relativamente à procura. O air bungee, enoturismo e mergulho são oferecidos apenas por uma empresa, mas como são atividades únicas podem ter os dois cenários, ou seja, podem ter bastante adesão e compensar o investimento feito nelas, ou por só existir esta oferta pode não haver tanta procura. Depois temos o arvorismo, o rafting, o hidrospeed, o wakeboard e o kneeboard que são oferecidos por 3 empresas, sendo que em duas delas foram introduzidos na sua oferta nos últimos dois anos, significando assim que a procura aumentou e compensou o investimento de outras empresas. O passeio de jeep e o kayak são oferecidos aos visitantes por 6 empresas. O canyoning, a orientação e a observação da natureza são oferecidos por 7 empresas, destacando-se no conjunto das atividades mais oferecidas na área do PNPG. Por fim, temos as duas atividades mais presentes na oferta das empresas. A primeira é passeios a cavalo, atividade que é oferecida por 10 empresas e mais de metade destas tem esta atividade desde o início da sua atividade, sendo que algumas só iniciaram atividade desde 2013, o facto de continuarem com a oferta desta atividade demonstra que a procura tem compensado. A segunda é percursos pedestres, que é oferecida por 15 empresas, liderando a tabela de atividades oferecidas pelas empresas e presente na maioria das empresas presentes nos concelhos da área do PNPG desde a sua existência neste local.

Mesmo tendo uma diversidade tão grande de atividades, as empresas não apresentam nenhum tipo de atividades que possam ser realizadas por pessoas portadoras de algum tipo de deficiência, ou seja, as atividades anteriormente referidas quase todas podem ser realizadas por alguém portador de algum tipo de deficiência, mas só se os monitores forem formados para fazer o devido acompanhamento e só com a presença dos equipamentos necessários para a realização das mesmas. Algumas destas empresas têm parcerias com outras empresas de animação turística, como é o caso da empresa NaturBarroso que não possui atividades direcionadas para este público-alvo nem equipamentos, mas possui uma parceria com uma empresa, Pena Aventura, que tem sede fora do parque mas que tem permissão para realizar atividades em áreas classificadas ou com valores naturais, e esta empresa tem monitores e equipamentos especializados para a realização de atividades com um portador de uma deficiência, seja ela permanente ou temporária.

Deste modo, sempre que alguém portador de deficiência decidir que gostaria de realizar atividades de turismo ativo no PNPG, terá sempre que recorrer a empresas que

tenham sede fora do Gerês, mas que mesmo assim tenham autorização para realizar atividades na área do parque. Isto acaba por tornar o processo de escolha muito mais complicado, pois é necessário procurar quais as empresas que têm o reconhecimento necessário e a autorização para realizarem estas atividades em áreas classificadas ou com valores naturais que necessitem de autorização ou então têm que entrar em contacto com empresas que possam disponibilizar equipamentos e monitores, ou seja, um operador turístico, como é o caso da Acessible Portugal, que consegue realizar estas atividades em parceria com outras empresas.

Quando falamos em turismo acessível, referimos que é necessário ter também um fácil acesso à informação. Neste caso, não é a maneira mais fácil de estabelecer contacto entre o turista e a empresa, mas de qualquer modo é possível e acaba por ser a forma mais segura de fazer chegar estas atividades acessíveis ao portadores de deficiência.



Fonte: Registo Nacional de Turismo

Figura 14. Empresas com Reconhecimento de Atividade de Turismo de Natureza em Portugal, por região, em 2015

Segundo o Registo Nacional de Turismo, existem 551 empresas que são reconhecidas por realizarem atividades de turismo de natureza e, como o nosso país é um dos mais ricos a nível de recursos naturais e bastante propício para realização de atividades ligadas à natureza, não tem grandes disparidades entre Norte, Centro e Sul, estas disparidades só se notam relativamente às Ilhas.

Como podemos ver na figura 14, as Ilhas apresentam o menor número de empresas com sede no seu território, 3, que correspondem a menos de 1% do total. O Norte de Portugal representa 19% das empresas que possuem atividades de turismo de natureza, com um total de 102 empresas com sede nesta região. De seguida, temos o Centro de Portugal que representa um pouco mais que o Norte com 20%, ou seja, 108 empresas com sede no seu território. Por fim, temos o Sul do país, que conta com a maior percentagem de empresas com sede no seu território, representando assim 61%, o que corresponde a 338 empresas.

“Importa salientar que cerca de 21% do território português é formado por Áreas Classificadas com fortes valores naturais e de biodiversidade a nível da fauna, flora e da qualidade paisagística e ambiental, dispondo de uma oferta de atividades de animação turística ajustadas aos diferentes segmentos do Turismo de Natureza. A proximidade de Portugal aos mercados europeus emissores, o clima ameno durante todo o ano, permitindo que, em todos os períodos, seja possível realizar um conjunto vasto de atividades outdoor, e a segurança do destino, são outros aspetos relevantes para a oferta de Turismo de Natureza. Os sabores da gastronomia, a oferta de alojamento, o bom acolhimento e a simpatia das pessoas constituem, igualmente, valores que definem a excelência de Portugal como destino de Turismo de Natureza.”(ICNF, 2013)

Crítérios para Reconhecimento (n.º 1 do art.º 2 da Portaria N.º 261/09, 12/03)	Aplicação
Disponibilização de informação aos clientes sobre a fauna, flora e geologia locais	Todos os empreendimentos turísticos
Disponibilização de informação sobre a formação dos colaboradores em matérias correlacionadas com a conservação da natureza e da biodiversidade	Todos os empreendimentos turísticos
Disponibilização de informação sobre a adoção de boas práticas ambientais	Todos os empreendimentos turísticos
Disponibilização de informação aos clientes sobre origem e modos de produção dos produtos alimentares utilizados	Todos os empreendimentos turísticos
Uso predominante de flora local nos espaços exteriores do empreendimento, exceto nas áreas de uso agrícola e jardins históricos	Todos os empreendimentos turísticos
Disponibilização de informação sobre serviços complementares que garantam a possibilidade de usufruto do património natural da região por parte dos clientes, nomeadamente através da animação turística, visitação das áreas naturais, desporto de natureza ou interpretação ambiental.	Todos os empreendimentos turísticos

Fonte: Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas
 Figura 15. Critérios para o reconhecimento de atividades de turismo de natureza

No entanto, o reconhecimento pelo Registo Nacional de Turismo não é suficiente para estes poderem realizar as suas atividades em áreas classificadas ou em outras áreas com valores naturais que sejam reconhecidos pelo ICNF; o reconhecimento por parte do ICNF é necessário para que qualquer empresa de animação turística possa realizar atividades em áreas naturais fora do local onde tem estabelecida a sua sede, no entanto, é necessário corresponder a certos critérios para que tal seja possível, como podemos ver na figura 15.

4. Conclusão

O *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Turismo Activo*, lançado em 2014, pelo Turismo de Portugal, é a publicação que deu mote para a realização desta dissertação, tal é a falta de informação que liga estes dois sectores do turismo.

Através desta publicação o Turismo de Portugal, do meu ponto de vista, assume uma posição relevante no que concerne ao turismo acessível e à sua implementação no mercado turístico português, fazendo assim com que as empresas turísticas também tenham em conta as acessibilidades quando programam as suas atividades ou quando estabelecem as suas infraestruturas.

Para além da referida publicação, o Turismo de Portugal tem vindo a implementar cada vez mais orientações e regras para que o turismo inclua um número crescente de pessoas, incluindo as que apresentamos, com algum tipo de incapacidade. Com estas alterações, penso que de forma gradual a realidade turística será bem mais acessível e bem mais abrangente.

Analisando o estudo feito nesta dissertação sobre o turismo ativo e o turismo acessível no Parque Nacional da Peneda-Gerês, podemos dizer que, para realizar qualquer atividade acessível, seja ela onde for, temos de ter em conta a topografia onde a atividade vai decorrer, pois no caso do Gerês o terreno é bastante irregular. Mas com equipamentos e profissionais de animação turística com a devida formação, quase todas as atividades podem ser realizadas por todos os interessados, sejam ou não portadores de alguma incapacidade.

O PNPG tem as melhores condições possíveis para a realização de atividades de turismo ativo e os recursos naturais são muito bem aproveitados pelas empresas de animação turística, pois, como foi possível verificar, a oferta a nível de turismo ativo é bastante diversificada. No entanto, nenhuma das referidas empresas oferece opções adaptáveis à acessibilidade e apenas uma das empresas tem parceria com uma empresa que realiza atividades acessíveis, mas que estas são por norma realizadas na área onde tem a sede da sua empresa, pois não é necessário deslocar as infraestruturas nem os monitores, mas se for um pedido feito pelos clientes, eles realizam as atividades no PNPG sempre em parceria com a empresa que já conhece o território.

A oferta de turismo acessível em Portugal tem vindo a ser desenvolvida nos últimos anos, e as empresas de turismo acessível pretendem tornar Portugal num destino

de excelência no que diz respeito à área em que atuam, e têm trabalhado em conjunto com organizações europeias de modo a aprimorar os seus equipamentos e a informação disponível sobre as preferências dos turistas que procuram estas atividades. Não podem deixar de ter em conta os acompanhantes que vêm realizar estas atividades, porque em alguns casos podem ser uma mais-valia, mas também podem ser um entrave à realização das mesmas, ou seja, o excesso de zelo pode prejudicar o trabalho de quem está a realizar as atividades, por isso, é necessária uma sessão de informação sempre que as atividades vão ser realizadas, de modo a assegurar a todos que as atividades são seguras e que tudo vai ser feito para que disfrutem de toda a experiência sem grandes preocupações.

Nunca devemos menosprezar alguém que possua algum tipo de incapacidade, pois, mesmo tendo uma incapacidade, são seres humanos que têm direito a usufruir de tudo aquilo que a sociedade tem para oferecer. Por vezes, é esta mesma sociedade que os afasta e que os menospreza ao não incluir nas suas ofertas, ofertas acessíveis, que é, de certa forma o que acontece no Gerês. Um indivíduo incapacitado pode realizar atividades no PNPG, no entanto, tem que recorrer a organismos externos ao parque para que tal seja possível e, por vezes, a falta de informação faz com que a maior parte dos turistas incapacitados não procurem outros organismos quando se deparam com a informação de que o parque não possui atividades acessíveis de turismo ativo, e quem sai a perder é sempre o parque, pois os turistas encontram outras áreas para realizar as atividades de turismo ativo enquanto o parque deixa de receber turistas.

A deficiência, seja ela qual for, nunca pode ser impedimento para nada, como referi diversas vezes nesta dissertação, e ainda bem que começamos a ver mudanças na sociedade para que qualquer pessoa com incapacidade possa realizar todos os seus sonhos, profissionais, pessoais, sociais ou de lazer. Sejam eles quais forem, devem ter o mesmo valor dos sonhos de uma pessoa sem incapacidade alguma.

Na primeira parte deste trabalho, realizei um enquadramento teórico de modo a perceber os fundamentos tanto do turismo ativo como do turismo acessível e para perceber quais as atividades que podem ser ligadas entre um e outro. Em princípio, quase todas as atividades de turismo ativo podem ser realizadas por pessoas com incapacidades, desde que sejam seguidas as normas de segurança, que são estipuladas para todos os praticantes deste tipo de atividades e tenham o apoio adequado à prática das mesmas. Algo que considerei importante foi referir os equipamentos que já existem para a realização destas atividades acessíveis e que facilitam muito o trabalho dos monitores.

Tentei também perceber as normas que cada tipo de turismo, ativo e acessível, tem que seguir para poder exercer atividade, pois só garantindo a sua adequada implementação se pode proteger os participantes e as áreas onde as atividades são realizadas.

No estudo de caso, que centrei no Parque Nacional da Peneda-Gerês, realizei uma caracterização do parque, geográfica, social e económica, de modo a perceber quais seriam as dificuldades em realizar atividades de turismo ativo no parque e apercebi-me que o parque é um exemplo relevante de falta de acessibilidade e principalmente da falta de acessibilidade no turismo ativo. Isto deve-se, em grande parte, às características topográficas do PNPG, pois existem muitas discrepâncias que tornam a adaptação dos instrumentos de ajuda às atividades muito mais complicada, mas também porque não existe oferta para a realização das referidas atividades de turismo acessível, o que acaba por nem influenciar a procura, pois, se procuram uma vez e não encontram oferta, vão acabar por desistir até que alguém crie essa oferta e utilize ferramentas de marketing para a divulgar.

Embora o parque seja uma das áreas naturais com maior afluência turística, posso concluir, após a realização deste trabalho, que os turistas com incapacidades não representam uma percentagem muito alta no total de turistas que visitam o parque até porque não iriam encontrar as melhores condições para realizarem qualquer tipo de atividade.

O que concluí, relativamente à oferta de atividades de turismo ativo para todos, é que as empresas de animação turística sediadas na área do parque não possuem oferta de atividades, no entanto, existem algumas empresas que não estão sediadas no parque, mas que, se contactadas com o devido tempo e com as devidas permissões para realizar atividades em áreas protegidas, podem realizar atividades de turismo ativo com pessoas com incapacidades. Porém, como referi anteriormente, representam apenas uma pequena percentagem relativamente a outros tipos de turismo ligados ao turismo acessível, como seria o caso do turismo cultural que tem cada vez mais oferta, pois um número crescente de empresas tem vindo a incluir no seu leque de atividades especificamente ligadas ao turismo acessível e têm sido criadas cada vez mais empresas especializadas em turismo acessível. O que, a meu ver, acabará eventualmente por se estender às empresas de turismo ativo numa maior escala e acabará também por afetar as empresas com atividade no Parque Nacional da Peneda-Gerês, pois, como referi, já existem algumas, no entanto,

ainda estão muito limitadas e necessitam de adaptar as atividades ao conjunto da procura turística.

Com a realização deste trabalho, fiquei bastante sensibilizada para a realidade do turismo acessível e para as dificuldades que estes turistas encontram quando pretendem realizar atividades de qualquer sector turístico, e concluí com isto que todos temos direitos às mesmas oportunidades, não só na área do turismo, mas no dia a dia, pois ninguém deve ser discriminado apenas porque tem uma incapacidade.

Bibliografia e Fontes

- ✓ Accessible Portugal - Accessibletourism.org
- ✓ ANETURA – Associação Nacional de Empresas de Turismo Activo
- ✓ BARRETTO, M, 1997, “Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo”, 2 ed., Papyrus, São Paulo;
- ✓ BARRETO, M, 2007, “Cultura e Turismo: Discussões Contemporâneas”, Campinas, SP: Papyrus;
- ✓ CARVALHO, P. & Rui, L. 2008, “Turismo de Prática Desportiva: Um segmento do Mercado do Turismo Desportivo” Disponível em: <http://mpira.ub.uni-muenchen.de/10959/>.
- ✓ CHAVES, A; MESALLES, L; 2001 “El Animador”, Barcelona, Laertes Enseñanza.
- ✓ CORDEIRO, B. ALVES.L e CARVALHO,P. “O ecoturismo em Portugal: Uma análise exploratória aos agentes de animação turística e a sua particular relação com o Ecobusiness” TURyDes, vol.8, Nº18 Junho 2015:7
- ✓ CUNHA, L. 2003, “Introdução ao Turismo”, Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- ✓ DIAS, M. 2014, “Avaliação do carácter da paisagem como contributo para o ordenamento e gestão do Parque Nacional da Peneda-Gerês” Dissertação de Mestrado – Planeamento e Projecto do ambiente urbano
- ✓ Duck Dive - www.duckdive.pt
- ✓ European Commission, 2015, “Mapping and Performance Check of the Supply of Accessible Tourism Services”.
- ✓ ENAT - European Network for Accessible Tourism
- ✓ GAUDREAU, L. 1990, “Incidences environnementales des loisirs sur les milieux naturels et les ressources vivants”, Loisir et Société.
- ✓ Get High - gethigh.pt
- ✓ Go outdoor - www.go-outdoor.pt

- ✓ Greenwalk - www.greenwalk.org.pt
- ✓ Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Turismo Activo, Turismo de Portugal, 2013
- ✓ ICNF - Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas - <http://www.icnf.pt>
- ✓ INE – Instituto Nacional de Estatística
- ✓ INR, I.P, “Turismo Acessível em Portugal: lei, oportunidades económicas, informação”, 2010.
- ✓ Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, Brochura PNPg, 2013
- ✓ JACINTO, P. e RIBEIRO, M. 2003, “O turismo ativo como oportunidade para o desenvolvimento de iniciativas empresariais em zonas rurais: uma análise exploratória a partir da região do Douro” *In* I Congresso de Estudos Rurais – Ambiente e Usos do Território.
- ✓ KRIPPENDORF, J. 1989 “Sociologia do Turismo”, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.
- ✓ FERNANDES, M. 2011, “Património geológico do Parque Nacional da Peneda-Gerês, valorização e divulgação para o ensino das geociências”, 8º Encontro Regional de Educação Ambiental do Algarve 30 junho – 1 julho – Monchique.
- ✓ Organização Mundial de Saúde - www.who.int
- ✓ Pena Aventura - www.penaaventura.com.pt
- ✓ PEREIRA, E. 2006, “Serviços de Desporto. Desporto e Turismo. *In* Revista Portuguesa de Gestão de Desporto”, ano 3, nº1.
- ✓ Plano de Ordenamento do Parque Nacional Peneda – Gerês – www.icnf.pt
- ✓ Portugal Surf Academia - www.surfacademia.com
- ✓ Quintas, S. e Castaño, M. (1998:32). “Animación Sociocultural: Nuevos Enfoques” Salamanca: Amarú Ediciones
- ✓ RNAAT – Registo Nacional de Agentes de Animação Turística

- ✓ RUSCHMANN, D. e SOLHA, K. 2006, “Planejamento turístico”, Barueri, SP: Manole.
- ✓ SANTOS, N. CRAVIDÃO, F. e CUNHA, L. 2010, “Natureza, paisagens culturais e os produtos turísticos associados ao território” - Actas do 4º Congresso Latino Americano de Investigação Turística Montevideo
- ✓ SERRA, P. 2009, “Turismo Ativo no concelho de Torres Vedras: contributo para o plano estratégico ” - Dissertação de Mestrado em Turismo, Especialização em Planeamento e Gestão em Turismo de Natureza e Aventura – Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril
- ✓ SOUSA, A. & CARVALHO, P. 2014. “Turismo de Natureza na Calheta (Madeira/Portugal) ”. Turydes (Revista Turismo y Desenvolvimento), vol. 7, nº. 16, 19 pp.
- ✓ STANDEVEN, J. DEKNOP, P. 1999, “Sport Tourism”, USA. HumanKinectis
- ✓ Terra Pedestre - <http://pedrosantosm.wix.com/terrapedestre>
- ✓ Tobogã - www.toboga.pt
- ✓ TORRES, Z. 2004, “Animação Turística”, Editora Roca.
- ✓ Tourism for all - www.tourism-for-all.com
- ✓ Travels Unlimited - travelunlimited.net
- ✓ Turismo Ativo de Portugal - <http://www.turismoactivo.pt>
- ✓ Turismo de Portugal - www.turismodeportugal.pt
- ✓ Turismo do Norte e Nordeste - www.portoenorte.pt/
- ✓ Taleb Rifai, Secretário-Geral da OMT in Turismo Acessível para Todos, Recomendações da OMT, 20ª Assembleia Geral – Victoria Falls – Zâmbia/Zimbabwe, 24-29 Agosto 2013 (Tradução Livre: Turismo de Portugal)
- ✓ VIEIRA, J. 2011, “Inovação no Turismo: um processo catalisador de desenvolvimento” Journal of Tourism Studies – COGITUR. 133-144.
- ✓ Ultra Spirit - www.ultra-spirit.com
- ✓ UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organizatio

✓ Waterlily - www.waterlily.pt

Índice de Figuras

Figura 1. Impactos da deficiência na prática do turismo.....	28
Figura 2. Principais Atividades das empresas.....	38
Figura 3. Castelo do Castro Laboreiro.....	46
Figura 4. Mapa Parque Nacional Peneda Gerês.....	47
Figura 5. Distribuição da flora no PNPG.....	49
Figura 6. Atividades Económicas por sector – Portugal, Norte, Minho – Lima.....	50
Figura 7. Planta de Ordenamento do PNPG.....	53
Figura 8. Hóspedes por concelho do PNPG.....	60
Figura 9. Visitas ao PNPG entre 2011 e 2014 e visitas guiadas entre 2011 e 2014.....	61
Figura 10. Oferta do Alojamento na área geográfica do PNPG, segundo o INE.....	63
Figura 11. Oferta do Alojamento na área geográfica do PNPG, segundo as Câmaras Municipais.....	64
Figura 12. Empresas de Animação Turística na área do PNPG, em 2015.....	66
Figura 13. Atividades Realizadas pelas empresas de Animação Turística no Gerês.....	67
Figura 14. Empresas com reconhecimento de actividade de Turismo de Natureza em Portugal.....	69
Figura 15. Critérios para o reconhecimento de atividades de Turismo de Natureza.....	70

Índice Geral

Resumo	1
Abstract	2
Agradecimentos	3
Abreviaturas	5
1. Introdução	6
1.1.Objetivos	6
1.2.Metodologia	7
1.3.Estrutura	7
2. Turismo ativo e turismo acessível	9
2.1.Considerações preliminares	9
2.1.1.Turismo	9
2.1.2.Animação e animação turística	11
2.2.Turismo ativo	16
2.2.1.Conceito	16
2.2.2.Motivações	17
2.2.3.Atividades	18
2.2.4.Impactos e soluções	21
2.3.Turismo Acessível	24
2.3.1.Conceito	24
2.3.2.Deficiência/Incapacidade	27
2.3.3.Impactos da deficiência na prática do turismo	28
2.3.4.Requisitos a cumprir	29
2.4.Acessibilidades no turismo activo	32
2.4.1.Dos problemas às soluções	32
2.4.2.Equipamentos de apoio	35
2.4.3.Casos de sucesso em Portugal	38
3. Parque Nacional da Peneda-Gerês	46
3.1.Caracterização geográfica	47
3.2.Plano de Ordenamento	52
3.3.Lazeres turísticos : do Minho ao PNPG	56
3.4.Procura e oferta turística	60
3.4.1.Hóspedes e visitantes	60
3.4.2.Alojamento	63

3.4.3. Empresas e atividades de animação turística.....	66
4. Conclusão.....	72
Bibliografia e Fontes.....	76
Índice de Figuras	80